

A PLURALIDADE RELIGIOSA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NAS PRÁTICAS JUVENIS NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO DE UM CENTRO ESPÍRITA

*Antonio Carlos Coelho
coelhomil@hotmail.com*

INTRODUÇÃO

O mundo atual oferece novos cenários e perspectivas para a juventude como acesso ilimitado a diversas formas de mídia, liberdade de expressão, política, de gêneros e religiosa. Questões estas, colocam o assunto juvenil em pauta, e permitem analisar como esta nova realidade proporciona trocas de experiências e de saberes.

E com base nestes quadros e nos aspectos futuros envolvendo a ação da juventude na transformação da sociedade, é que precisamos analisar a participação destes jovens, percebendo-os como autores dentro da pluralidade apresentada neste século. Os desafios e perspectivas de superação por meio de um espaço de debate, de aprofundamento, de aprendizado focado especificamente no campo religioso.

Em um primeiro momento, apresentaremos um diagnóstico da atual situação da ação da modernidade, com a conseqüente ação globalizante sobre a sociedade favorecendo um processo de globalização e a sua multiculturalidade.

Estas reflexões e reestudos de situações são necessários para se viabilizar a inserção do jovem nas instituições, a fim de aproveitar o seu potencial, superando os prejulgamentos com base nas experiências, geralmente alimentados por antigos preconceitos relativos à faixa etária.

Em seqüência, abordaremos o processo de globalização e a sua multiculturalidade na edificação religiosa da sociedade que se transforma em um ambiente religioso plural.

E por último, uma análise deste o movimento social/religioso plural que vem possibilitando um diálogo inter-religioso nas práticas juvenis no cenário contemporâneo de um centro espírita.

A MODERNIDADE E SUA AÇÃO GLOBALIZANTE SOBRE A SOCIEDADE

A sociedade ocidental, com o advento do Iluminismo, passou por um período de significativas transformações, em seus mais variados aspectos: econômico, filosófico, político, cultural e social. Este movimento buscava a emancipação e autonomia, lançando novas formas de análise e reflexão, com o propósito de remodelar a sociedade e o seu conhecimento.

Como conseqüências, formas e características consideradas monolíticas e ancoradas em práticas e valores tradicionais, manifestadas por meio de rituais complexos e mitos dos

tempos primordiais, foram sendo, paulatinamente corroídos, ou melhor, com o Iluminismo as tradições perdem espaço como força explicativa da vida social e a noção científica auferiu força em detrimento da noção mítica.

Para Hobsbawm (1997), estas práticas e valores tradicionais nada mais são que um conjunto de hábitos inventados há relativamente poucas décadas. Para o autor estes hábitos inventados, denominados de tradição, são reações a sintomas novos em respostas à situações anteriores, estabelecendo em seu próprio passado por meio de repetições quase obrigatórias.

Na contemporaneidade, segundo Giddens (2002), esta ação atingi todos os campos da sociedade, e este efeito diverso contribui para transformar o *modus vivendi* da população mundial. Neste cenário se destaca a crescente multiplicidade do pensar de pessoas e de grupos sociais, e esta liberdade de expressão produz uma internacionalização de procedimentos de integração, de tolerância cosmopolita bem como movimentos opostos.

Estas transformações processadas pelo tempo trazem, segundo Giddens (2002, p. 29), “um fenômeno cada vez mais descentralizado, que não está sob controle de nenhum grupo, de nações e ainda menos sob o domínio das grandes companhias. Os seus efeitos fazem-se sentir tanto no Ocidente como em qualquer outra parte”, denominado-o de globalização.

Para Jungblut (2014, 419), a globalização reduz

as distâncias espaço-temporais, produz o avizinhamiento dos grupos humanos, forçando-os a interações e intercâmbios culturais inegavelmente destradicionalizantes. O pluralismo cultural acentuado, decorrente dessa situação, favorece, por sua vez, a autonomia dos indivíduos que necessitam, frequentemente, posicionar-se em relação a muitos itens identitários (estéticos, religiosos, políticos etc.) disponibilizados através dessa pluralização.

Como se observa, o processo de globalização e a sua multiculturalidade, vem permear e abranger a todos os seres humanos, e esta intensificação, no cenário internacional, destaca as relações sociais que se caracterizam por um pluralismo, cultural e religioso, afiançando direitos particulares bem como uma abertura para o diálogo entre as sociedades.

Tais constatações, que nos convidam a refletir sobre novas formas de compreensão, geram no seu bojo, desejos de imutabilidade, de permanências, em reação a estes pressentimentos novos, ocorrendo alinhamentos em prol de uma radicalização gerando um pensamento conservador e fundamental.

Para Pfeffer (2009), o fundamentalismo, na sua esfera religiosa, traz para seus adeptos certezas absolutas, bem como orientações que não podem ser questionadas, assegurando assim sua forma de vida e a segurança espiritual. Neste sentido, a hermenêutica, como força mediadora entre o ser humano e os textos, ditos como sagrados, inexistente.

Em seus estudos, Castells (1999), entende que os fundamentalistas são seletivos ao buscarem, dentro de seus textos sagrados, posições afirmativas de suas identidades, que ajudam a defender e preservar a unidade do seu movimento. Busca-se edificar balizas de preservação de suas fronteiras, bem como um distanciamento daquilo que se considera como desvirtuoso e impuro.

As transformações advindas do século XVIII até o século XX estabeleceram alterações na maneira de refletir e de se relacionar na sociedade mundial. É importante compreender que a humanidade, e em específico a juventude, tem uma necessidade de prover significado às experiências vivenciadas no seu dia-a-dia. O que vem demonstrar que o ser humano é “produto e produtor” de sua cultura e estes alvítrios atingem infindáveis significados dentro de uma sociedade pluralizada.

Ao buscar sentido para suas experiências de vida, a humanidade exterioriza essa busca construindo um ambiente em conformidade às suas expectativas e objetivos a serem alcançados, distinguindo a modernidade com características plurais. E estes experimentos, por sua vez, se espalham dentre os demais integrantes, provocando rescisões institucionais.

Para Lott (2016, p. 189) estas rescisões institucionais são

efeitos da orientação histórica do pensamento moderno que mudam a compreensão tanto do passado quanto do presente e impulsionam o indivíduo autônomo a transformar as relações sociais através de um dispositivo futurista. Esse dispositivo tem um alcance que permite ao indivíduo fazer um reexame permanente pela amplificação da ação histórica.

E essas mesmas rescisões podem ser compreendidas como fenômenos que acontecem “sempre que o ser humano se liberta de modelos de comportamento de cunho religioso e se orienta por iminentes leis próprias das esferas da realidade”, assim afirmam König e Waldenfels (1995, p. 534).

Ao abordamos especificamente a questão religiosa, é necessário compreender que os dilemas da inserção da religião, bem como a atuação do indivíduo religioso, e por consequência a juventude, diante deste prisma moderno, não nos apontam para uma dissolução do sagrado diante do efeito da modernidade, mas o que ocorre é uma alteração da individualidade humana bem como suas atitudes em relação à transcendência, gerando uma secularização nas relações institucionais religiosas.

Para Berger (1985, p. 139), a crise da instituição religiosa passa pela “atuação da secularização, como um colapso da plausibilidade das definições religiosas tradicionais da realidade”, em que ela é substituída por uma visão individual do mundo como também de uma assimilação particular das veracidades religiosas.

Estas assimilações, dentro da sociedade moderna, vêm demonstrar a prosperidade do pensamento do ser humano, e esta pluralidade racional, fundamentada no livre-arbítrio, leva a um rompimento de monopólio interpretativo de uma única instituição. Segundo Panasiewicz (2007, p. 2), a pluralidade religiosa é uma realidade que perpassa a reflexão teológica da atualidade.

E esta secularização se une ao procedimento de pluralização a partir da liberdade de escolha do próprio Ser que, para Hervieu-Léger (2008, p. 153), surge como “uma nova figura do individualismo religioso que se inaugura aqui: a do individualismo religioso moderno, que se desabrocha nas formas mais contemporâneas da religiosidade”.

Para a autora, este individualismo religioso marca uma

experiência espiritual [...] concebida como o meio e a expressão do poder que o indivíduo pode exercer sobre o mundo e sobre si mesmo, fora de qualquer engajamento em uma igreja em particular. Este é um aspecto essencial da reestruturação do individualismo religioso que induz sua absorção na Modernidade. (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 155).

Ao almejarmos a pluralidade e sua experiência no campo religioso, compreendendo este processo como uma não força em que se busca transformar a diferença em hierarquia, mas vê-la na sua dimensão de riqueza, por ser diferente. Neste sentido, podemos verificar de certa forma que o pluralismo religioso inaugura um processo social de relativização do campo religioso?

A ATUALIDADE PLURAL EM QUE A SOCIEDADE SE TRANSFORMA

Num mundo em que grandes avanços tecnológicos criam amplas possibilidades comunicacionais que afetam diretamente as interações pessoais nas mais variadas formas, a pluralidade e sua experiência no campo religioso, tornou-se um tema urgente, não mais restrito aos gabinetes acadêmicos, mas aberto a todo o mundo globalizado.

O encontro entre culturas e suas formas de adoração lança a humanidade em uma busca pela manutenção da liberdade destes valores regionais, reconhecendo que os “limites do poder humano não são arbitrários, nem sujeitos as intervenções abruptas do poder divino, mas condicionados pelas leis da evolução social, moral e cultural”. (PIRES, 1977, p 11).

Num mundo em que as fronteiras se desfazem, o tema da compatibilidade cultural e do livre-arbítrio são assuntos em pauta nos discursos que visam configurar posições de compreensão e aceitação, visando uma superação de erros, promovendo uma análise crítica sobre suas fundamentações teológicas. Na contemporaneidade permanecer fora deste debate plural é uma fuga para um passado, optando por um pensamento impositivo e sem críticas.

Mas, este pensamento de fuga torna-se ineficaz segundo Amaladoss (2006, p. 185), pois “cada religião possui uma tradição autocrítica, hermenêutica. Isso é uma garantia contra um fundamentalismo estreito. A abertura para a autocrítica também nos abre para a crítica vinda dos outros”.

Continua o autor,

no nível religioso, dado o pluralismo interno das religiões e o ensinamento de sua próprias escrituras, nenhum grupo religioso pode ser fundamentalista ou exclusivo. Deus é inclusivo. As outras religiões, então, são aceitas como diferentes, porém legítimas, capazes de promover o encontro divino-humano ou a experiência religiosa a seu próprio modo. Poderemos não ser capazes de humanamente e racionalmente explicar isso. Mas podemos deixar isso para o mistério de Deus. (AMALADOSS, 2006, p. 184).

Em contraponto a uma argumentação “fundamentalista”, de uma crítica areligiosa e de ataques fundados em verdades de uma só religião, vislumbra-se no pluralismo a inauguração de um processo social de relativização do campo religioso, em que não se busca transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores, ou bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença.

Para Pfeffer (2009, p. 28) o pluralismo religioso é “a visão mais plausível para entender a relação do homem com Deus, seria admitir que todos os povos são escolhidos e que Deus se manifesta de diferentes formas para cada um. Esta visão permite legitimar o pluralismo e propiciar uma relação harmoniosa entre os povos”.

Este pluralismo é uma realidade que perpassa a reflexão teológica da atualidade,

é uma realidade experimentada de novo, não só como conhecimento de outros sistemas religiosos, mas especialmente como conhecimento de outras pessoas religiosas, já que não só as ideias emigram, mas também as pessoas. A nova consciência da multiplicidade, do pluralismo, se vive, segundo Knitter, não só como uma situação provisional, mas também como o que parece ser e funcionam. Sem a multiplicidade, sem os outros, nosso mundo não é capaz nem de funcionar nem de existir. A realidade, constata Knitter, é essencialmente pluriforme, complexa, rica, intrincada e misteriosa. (KNITTER apud MOLINER, 2011, p. 87).

E por meio desta intrínseca multiplicidade presente na sociedade moderna, que se podem observar as influências, permanências e transformações provocadas pelo ambiente religioso na promoção da dignidade humana e de sua juventude. E estas transmutações, dentro das áreas de atuação de cada ser humano, despertam um anseio de respeito aos direitos bem como sabedoria diante dos deveres, afastando preconceitos e dissipando a intolerância.

Segundo Durkheim (2003, p. 207-208),

na base de todos os sistemas de crenças e de todos os cultos deve, necessariamente, haver certo número de representações fundamentais e de atitudes rituais que apesar da diversidade das formas que umas e outras puderam assumir, apresentem, por toda parte, o mesmo, significado objetivo e também, por toda parte, exerçam as mesmas funções.

Por certo que existem características e noções basilares que se entrecruzam em todas as religiões, o que vem a constituir a presença humana na religião, e “são estes elementos permanentes que constituem o que há de eterno e de humano na religião [...] como conteúdo objetivo da ideia que se exprime quando se fala da religião em geral”. (DURKHEIM, 2003, p. 208).

Percebemos então que pluralismo religioso como um fenômeno moderno, não deve ser compreendido pela sua fragmentação e diversidade, como sendo um processo desorientado de busca incessante e de interesse próprio a fim de satisfação pessoal, igualando esta busca dentro do pluralismo religioso a um supermercado, submetido às leis do mercado.

Devemos compreendê-lo como uma vida religiosa de busca, de labor interior almejando o transcendente, mas antes de tudo deve-se ressaltar que as religiões “são sistemas de doutrinas e rituais. Elas são grupos de pessoas que seguem uma senda particular para alcançar aquilo que veem como a meta da vida”. (AMALADOSS, 2006, p. 184).

Apesar de múltiplas formas religiosas existirem e de se exporem, permitindo ter esse aspecto mercadológico e assumindo uma perspectiva concorrencial, a adesão dos fiéis será uma decisão única e própria de cada ser de cruzar estas fronteiras religiosas.

As religiões têm fronteiras. Contudo, algumas pessoas sentem-se chamadas a cruzá-las. Podem ter uma ocasião especial para encontrar ou serem atraídas para outra religião, para suas escrituras ou suas praticas espirituais. Sem abandonar suas raízes em uma religião, podem cruzar temporariamente para outra, e cruzar de volta. (AMALADOSS, 2006, p. 182).

Este trânsito religioso e o pertencimento do fiel a qualquer denominação religiosa será sempre um ato particular do indivíduo, em sua procura de experimentar o Transcendente, de se encontrar e de relacionar com Deus. Para Amaladoss (2006, p. 183)

Deus se relaciona conosco de várias maneiras, por intermédio de várias mediações históricas. Tentamos aprisionar Deus nos sistemas de símbolos que nos são familiares. Mas, Deus é um Deus de surpresas. Tentativas de cruzar fronteiras religiosas podem conter muitas surpresas para nós.

Este é o papel do pluralismo religioso e a sua ação social em todos aqueles que desempenham um papel significativo na vida das pessoas, grupos e nações, cooperando para uma

sociedade ordeira, consciente e justa. “As religiões se destinam à vida e elas são vividas antes de serem refletida. Sendo assim, numa situação de pluralismo de religiões não nos deparamos de fato com uma pluralidade de religiões, mas com grupos de pessoas que vivem diferentes religiões”. (AMALADOSS, 2006, p. 182).

Para Birman (1995, p. 91) os cultos são espaços de interlocução também podem ser concebidos, “como de passagens num sentido mais amplo: de redefinição de fronteiras, de trocas simbólicas e de elaborações sincréticas, de inovações e de invenções em certa medida e que submete também à mudança os cultos envolvidos”.

E este trânsito, segundo Hervieu-Léger (2008), se caracteriza pelo livre escolha no campo religioso, sem ter, por seu lado, uma necessidade de conformar-se com verdades de determinada instituição religiosa. Este livre-arbítrio faz com que indivíduos recolhem elementos de uma e outra religião, dentro de um movimento constante, construindo uma identidade dinâmica em que o indivíduo é o principal construtor de suas crenças.

Por certo que o pluralismo religioso propõe ver as coisas do mundo religioso e manter uma relação com este universo apresentando-se como um elemento fundamental para a superação da intolerância religiosa, estabelecendo uma relação de alteridade respeitosa, capaz de produzir uma convivência a nível global. E os desafios, dentro deste cenário plural como proposta de interação, mas respeitando a diversidade religiosa, seria algo possível?

OS DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Inserida nesse ambiente volátil, que apresenta um crescente aumento dos problemas sociais bem como aumento exponencial da violência, a juventude busca refúgio no Sagrado, o que nos permite concluir que tal a situação é consequência desta autonomização do indivíduo, agora um errante religioso, liberto das amarras da cultura religiosa tradicional.

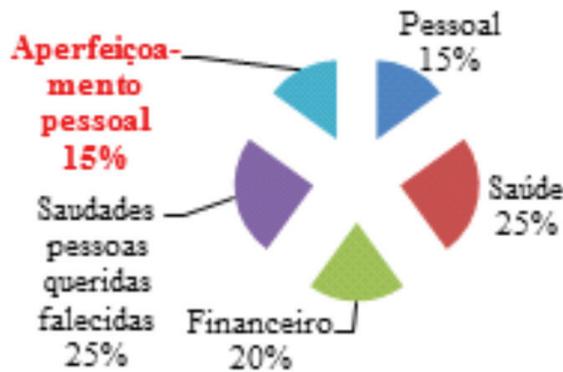
Ao trazer esta discussão para o âmbito da capital mineira podemos assinalar características balizadas, pelos autores acima citados, quando apontam a grande favelização das áreas urbanas, oriundas de uma população que migrou em busca de melhores condições de vida, e pela dificuldade que encontram para aplacarem seus vícios e suas derrotas juntos aos seus templos religiosos. Muitos cristãos procuram outras formas religiosas e é neste ambiente de pluralidade religiosa que se apresenta o Centro Espírita, com seus desafios e perspectivas no diálogo inter-religioso nas práticas juvenis no cenário contemporâneo.

A pesquisa desenvolvida, além de levantamento de dados estatísticos, se baseou em observação de um Templo Espírita Kardecista, nesta capital, nos apontando que a comunidade jovem estudada tem uma composição plural, na sua maioria de jovens, que vem tratar de assuntos individuais, denotando uma busca por respostas e explicações imediatas a seus apelos.

O que impulsionou esta pesquisa foi a permanente busca destes jovens, que estão em constante experimentação, que se movem em busca de auto-aperfeiçoamento e da auto-realização, conforme assinala Siqueira (1999), buscando tais pontos nesta comunidade espírita.

A pesquisa é exploratória, portanto não tem o intuito de obter números como resultados, **mas insights – muitas vezes imprevisíveis** – que possam nos indicar o caminho para tomada de decisão correta sobre uma questão-problema.

Gráfico 1 – Motivos do Trânsito Religioso



Fonte: Elaboração Própria

A investigação se desenvolveu a partir das interrogações feitas às assistências que frequentavam esta instituição e o levantamento das necessidades pessoais e das buscas destes frequentadores, que passará a ser denominada de Grupo de Apoio Pessoal (GAP).

O gráfico 1 demarca este GAP, mostrando que 15% (quinze por cento) dos entrevistados respondeu que buscam algo além de suas religiões, um aperfeiçoamento pessoal que os auxiliem a resgatar valores de minorias religiosas direcionando a uma compreensão de Deus, visando um conhecimento sobre religiões, normas e valores éticos.

Gráfico 2 – Gênero

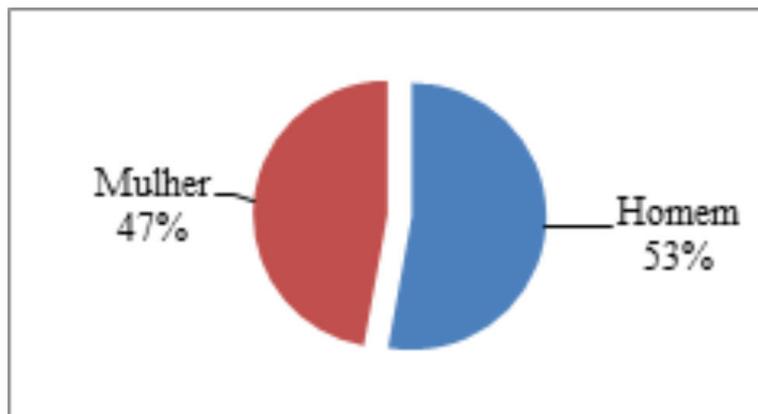
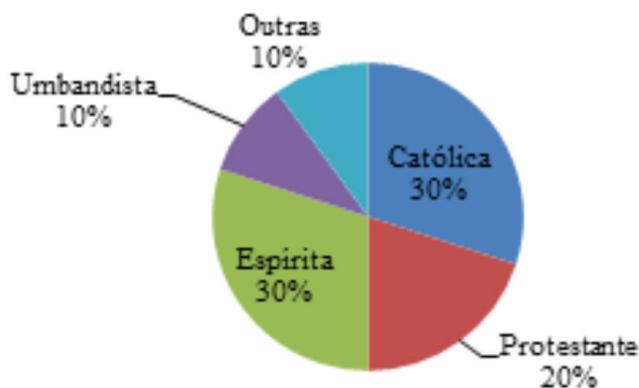


Gráfico 3 – Religiões



Fonte: Elaboração Própria

Dentro do universo pesquisado foi entrevistado um total de 40 frequentadores, da Casa Espirita, sendo 53% de homens e 47% de mulheres.

É importante destacar que as pessoas que compõe o grupo pesquisado não se declaram leigas ou ateias. Conforme demonstrado no gráfico 3, todos se apresentam como praticantes fieis em suas denominações religiosas e que não buscam trocar de religiões, mas se apresentam com uma visão crítica a ideologias enraizadas na consciência coletiva, buscando em outras religiões arcabouços metodológicos que permitiram um crescimento espiritual, que os ajudariam a desenvolver um trabalho diferenciado em seus templos.

Gráfico 4 – Nível Escolar

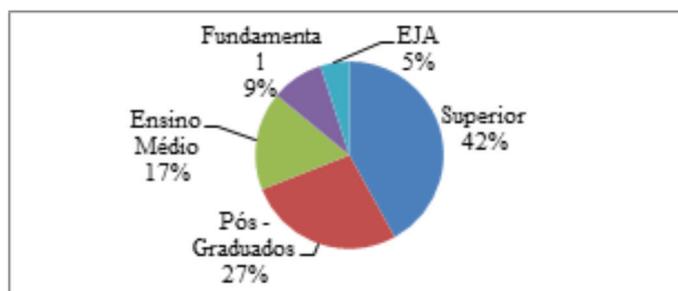
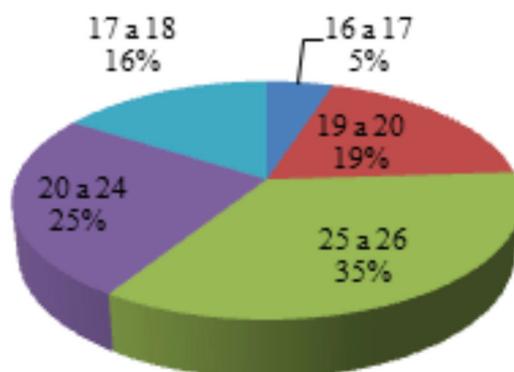


Gráfico 5 – Idade



Fonte: Elaboração Própria

O gráfico 4 e 5 apresentam um detalhamento do grupo pesquisado, demonstrando que não há uma única variedade interessada por um caminho mais espiritual. A busca deste grupo vai além da sua experiência religiosa, seus integrantes se voltam a uma abordagem religiosa mais abrangente, mais esclarecedora da realidade que eles vivem. Respostas prontas não mais os satisfazem.

Nas entrevistas com o dirigente da Casa, ele nos afirma que não há rompimento e/ou disputas entre o Espiritismo e outras denominações religiosas. Nos diz, ainda, que não se percebe uma evasão de uma religião para outra, mas uma aglutinação de conhecimentos espirituais que se ligam sem se configurarem dogmáticos.

À medida que evoluímos somos capazes de leituras críticas que nos possibilitam ressignificar o mundo. Para Gadamer (2007), estas demandas do pensamento são sustentadas pela capacidade que temos de fazer novos questionamentos e interpretações. O movimento que se segue a esse processo passa por uma desconstrução de camadas sedimentadas de conceitos.

Para Geffré (1989) defende o princípio de que a teoria hermenêutica não deve ficar limitada apenas à sua tradição, ou seja, deve ser contrária a qualquer tipo de fundamentalismo religioso, reconhecendo as verdades da teoria das religiões.

A pesquisa nos mostra também que o público estudado tem um nível intelectual elevado e um bom poder aquisitivo, o que nos permite imaginar que esses jovens não necessitam destes santuários, apenas para aplacar seus vícios, aceitar suas derrotas ou buscarem notícias de seus entes queridos que já tenham partido para o plano espiritual.

A pesquisa aponta que parte do público jovem pesquisado vem em busca de conhecimento, de reflexões, na tentativa de entender e superar as dificuldades que enfrenta, procurando uma compreensão mais profunda das dimensões imanentes, a partir do imanentismo racionalista, a teoria segundo a qual Deus é a causa de todas as coisas e que tudo, por conseguinte, está em Deus: não existe nada fora d'Ele. Deus, neste sentido, é causa imanente de tudo o que existe. Noutros termos, não há existência que possa ser explicada sem a presença de Deus.

CONCLUSÃO

A modernidade, com a sua evolução científica e tecnológica, trouxe com ela muitas intranquilidades, pois explicações antes aceitas pela via religiosa passaram a ser vistas como errôneas ou mesmo surreais, o que acabou por causar uma grande frustração e uma imensa busca no sentido de elucidar tais questionamentos.

O trânsito religioso permite ao indivíduo, e neste caso em particular o jovem, buscar e construir um diálogo inter-religioso, e neste encontro ocorre à socialização e a troca, que dão forma à pluralidade de descobertas e de reflexões.

Diante deste horizonte, apresentado nesta pesquisa, os jovens analisados não buscam outra religião, estes tem consciência de seu pertencimento a sua denominação religiosa, mas se pretende é alargar conhecimento reconstrói a idealização do mundo bem como a figura imagética de Deus.

Este trabalho não exaure o tema, ainda há folego para pesquisa e interpretações agregadas deste novo conhecimento permitindo o surgimento de novos elementos que aprofundem o presente trabalho.

REFERÊNCIA

AMALADOSS, Michael. **Promover harmonia: vivendo em um mundo pluralista.** Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

BERGER, Peter Luidwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilo criando gênero: possessão e diferenças de gênero em terreiros de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1995.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GEFFRÉ, Claude. **Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica.** São Paulo: Paulinas. 1989.

GIDDENS, Anthony. **O Mundo na era da globalização.** Tradução de Saul Barata. Lisboa: Presença, 2002.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento.** Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **Globalização e religião: efeitos do pluralismo global no campo religioso contemporâneo.** Civitas. Porto Alegre. v. 14. n. 3. p. 419-436. set.-dez. 2014.

KONIG, Franz Cardeal; WALDENFELS, Hans. **Léxico das religiões.** Petrópolis: Vozes, 1995.

LOTT, Henrique. **Religião, política e democracia: a sociedade desencantada de Marcel Gauchet.** São Paulo: Editorial, 2016.

MOLINER, Albert. **Pluralismo religioso e sofrimento eco-humano.** Tradução Pedro Lima Vasconcelos. São Paulo: Paulinas, 2011.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Identidade Cristã e Pluralismo Religioso Contemporâneo**: Uma reflexão a partir da abordagem teológica de Claude Geffré. Disponível em:<<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Panasiewicz,2007,%20Roberlei.pdf>>. Acessado em: 10 MAIO 2015.

PFEFFER, Renato Somberg. **Diálogo interreligioso e construção da cidadania em um mundo globalizado**: a contribuição do sincretismo religioso brasileiro. Revista Mosaico. Rio de Janeiro. v. 1. n. 2. 2009.

PIRES, J. Herculano. **Revisão do Cristianismo**. São Paulo: Paidéia, 1977.

JOVENS, EVANGÉLICOS E PROGRESSISTAS: O PERFIL DA REDE FALE

Caio César Sousa Marçal¹

Elton Colini Gonçalves Zimmermann²

Sabe-se há muito que a religião segue como um dos marcadores operativos dentro do campo da juventude. Contrariando algumas presunções, por vezes é mesmo ela que assume o lugar de articulador entre identidades e a formação de coletivos juvenis. O trabalho que aqui se apresenta aborda a Rede Fale, um grupo jovens evangélicos progressistas espalhados por todo Brasil e que promovem campanhas de Direitos Humanos. A pesquisa em tela busca esboçar a compreensão das atividades desse movimento a partir de sua trajetória e a diversidade de atores e atrizes que militam nessa organização juvenil. Investigou-se o perfil de seus membros e de suas campanhas de defesa de direitos, buscando a localização tanto de pontos pacíficos na construção de uma postura “cristã progressista” juvenil quanto das polêmicas e controvérsias internas que surgem nesse esforço. O trabalho, de natureza qualitativa, foi embasado em levantamento de informações e análise de dados sobre a Rede Fale, assim como foram aplicados questionários seus membros e parceiros.

Palavras-chave: Religião, ativismo, juventudes, redes

INTRODUÇÃO

A pesquisa de Abramovay e Castro (2009) na 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude sobre perfil dos participantes (de quê?), apresentou uma metodologia interessante para reconhecer a heterogeneidade das juventudes presentes em movimentos e lutas sociais.

Diferentemente do que esperaria certo senso comum (inclusive acadêmico) o trabalho encontrou ali uma forte presença de sujeitos religiosos, inclusive de jovens, que têm como marcador social de diferença uma identidade evangélica. Também ficou evidente que esses têm forte capacidade de mobilização, sendo que os jovens com esse perfil parecem sentir necessidade de afirmar seu lugar de pertença que é expresso pelo termo “cristão progressista”. Este ator social bivalente seria caracterizado por essa espécie de adesão dupla a uma confissão de fé e a um ideal político que, mesmo vago, contrapõe-se frontalmente ao que tem sido apresentada por outros sujeitos como a única atuação política evangélica possível, como é o caso da Frente Parlamentar Evangélica, que é marcadamente conservadora (MARÇAL, 2015; Cunha, 2015; VITAL; LOPES, 2013).

1 Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e em Teologia pelo Centro Universitário Izabela Hendrix. É especialista em Psicopedagogia e Supervisão Escolar pela Universidade Cândido Mendes.

2 Doutorando em Antropologia em curso pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná e licenciado em História pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Paranaguá.

Ao falar sobre a presença de jovens evangélicos em movimentos sociais, Nigri (2010) indica que a religião tem um lugar relevante na vida desses jovens engajados, em um contexto no qual esses tem cada vez mais se engajado em diferentes lutas relacionadas ao campo das juventudes, desconsiderando entraves relacionadas as questões como gênero, orientação sexual, classe social, dentre outros temas. Nigri (2010) assevera que esses jovens evangélicos desconstruem caricaturas pejorativas e oportunizando novos diálogos que extrapolam os espaços eclesiais em qual estão inseridos.

Entre os evangélicos progressistas há um movimento de jovens que tem marcado presença em espaços público como o Conselho nacional de Juventude (CONJUVE). A Rede Fale é uma rede de jovens cristãos que mobiliza discussões e campanhas sobre temas relacionados aos direitos humanos e justiça social.

O trabalho em questão busca compreender as ações desse movimento a partir de sua trajetória e a heterogeneidade de atores e atrizes que militam nessa organização juvenil. Investigou-se o perfil de seus componentes e de suas campanhas, buscando a localização tanto de pontos pacíficos na construção de uma postura “cristã progressista” juvenil quanto das polêmicas e controvérsias internas que surgem nesse esforço. A pesquisa é de natureza qualitativa, foi embasada em levantamento de informações e apreciação de dados a Rede Fale, assim como pela aplicação de entrevistas e questionários para seus membros e parceiros.

REDE FALE E A SUA HISTÓRIA

Inspirada no modelo da inglesa “SPEAK Network”, o Fale nasceu em 2002, entre membros e ex-membros da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB). A proposta da Rede foi de inicialmente produzir informações regulares para campanhas de pressão pública através do envio dos cartões postais “Ore & Envie”. Ao longo do tempo, o Fale começou a promover mobilizações sociais no contexto das campanhas, além de debates e outros eventos públicos. Há ações direcionadas especificamente ao público religioso, desenvolvida nas igrejas evangélicas, mas há ações que abrangem toda a sociedade (petições virtuais, eventos, etc).

A partir dessas iniciativas, começaram a surgir grupos locais que são o braço local e a base da Rede. Eles fazem reverberar as campanhas nacionais nos espaços onde estão inseridos, bem como mobilizam uma agenda própria que contempla situações de injustiça e violação de direitos na cidade. Esses grupos são formados por pessoas que se encontram para compartilhar, refletir e somar com ações locais em prol da justiça e defesa de direitos. Juntos, os Grupos Fale compõem as redes estaduais e são vinculadas pelos articuladores responsáveis por fazer contato direto com pessoas e outros grupos que queiram participar da rede em seus estados.

Todo o trabalho realizado pela Rede é desenvolvido por voluntários. As deliberações no Fale acontecem de maneira horizontalizada, através de um fórum participativo organizado no Modelo Flor. Esse modelo surgiu da busca por um método capaz de mobilizar um grande número de pessoas, sem necessariamente tornar a rede institucionalizada e hierarquizada.

Ele permite que as pessoas compartilhem suas ideias pela rede, expressem suas diversidades e reúnam diferentes propostas para planejar e tomar decisões importantes. A Rede procura abarcar a diversidade de lugares de fala, conhecimentos e competências de seus membros, organizando as possibilidades de atuação em áreas temáticas de trabalho, que são as Pétalas do Modelo Flor (comunicação, pesquisa e formação, campanhas, articulação, entre outras). As pessoas que querem participar do Fale têm a oportunidade de se engajar em uma de suas pétalas. Nelas, as ações de mobilização são planejadas e as campanhas tomam corpo.

Além dos Grupos Locais, há também Grupos de Trabalhos compostos por voluntários da Rede que se organizam para a produção de conteúdo e de ações para as campanhas. O Fale propõe ações pelo envolvimento de seus membros em causas sociais e por sua aproximação com outros movimentos e organizações que lutam por direitos e justiça. A partir disso, a Rede Fale se envolve com uma pauta e executa campanhas com a finalidade de sensibilizar, mobilizar sobre o tema e levantar assinaturas para petições que são encaminhadas, de acordo com a pauta, à(s) autoridade(s) competente(s). Durante sua trajetória, o Fale já desenvolveu campanhas sobre Água e saneamento Ambiental, Uso Abusivo de Agrotóxicos, Crianças e Adolescentes em Situação de Risco, Justiça no Comércio Internacional, Pobreza e Desigualdade Social, Construção da Paz, entre outras.

Os cartões “Ore & Envie”, carro chefe das campanhas do Fale, são divididos em três partes: uma com motivos de reflexão e preces, outra com propostas à ação, do tipo “Faça um manifesto público!”, “Faça uma audiência pública!”, “Promova a discussão dessa temática em sua comunidade!” e a terceira parte é um postal que pode ser destacado, assinado e encaminhado por correio às autoridades, indicadas com seu respectivo endereço de remessa, que estão em posição de decisão sobre o tema. Essa terceira parte funciona como uma espécie de abaixo-assinado. Até então, a Rede Fale já executou 25 campanhas tendo como carro-chefe esses cartões.

O fale conta com uma Coordenação Nacional e com um Conselho de Referência. A Coordenação Nacional é deliberadora de demandas maior prazo e é organizada em eixos temáticos. O Conselho de Referência tem função apenas consultiva e é composto de lideranças evangélicas respeitadas e conhecidas em todo país.

O PERFIL DA REDE FALE

Para elaborar um esboço de perfil do “falante”, foi realizado um questionário através do formulário do Google Drive. O questionário foi postado na comunidade do Facebook “Grupos FALE” (que conta hoje com 921 membros, com envolvimento diversos), assim como disseminado entre os contatos da Rede de seu banco de dados via e-mail, que correspondem às pessoas cujos dados foram mais recentemente recentes em seu cadastro. Portanto, em termos de universo, daria para dizer que é uma amostra dos participantes do “Grupos FALE” e de contatos do Cadastro do FALE, que são apenas um dos espaços de encontro e de aglomeração de falantes, e que reúnem graus variados de participação e identificação com a Rede.

Essa consideração inicial é importante, especialmente se levarmos em conta que a distribuição e preenchimento de questionário pela internet é fator de aleatoriedade e representatividade para aquele(s) segmento(s), eventualmente ainda comparando o perfil “médio” encontrado em cada segmento.

Ao mesmo tempo em que essas respostas podem apontar os limites da metodologia usada, podem também ser vistos (sem grau conclusivo, no entanto) como sintomas de uma rede que ganhou visibilidade e certa adesão nas mídias sociais, mas que (por opção ou não) acabou investindo pouco em encontros presenciais (apenas VV pessoas já participaram de um Encontro Nacional), que são importantes na sedimentação de identidade e construção de redes para além do pertencimento frágil a um grupo via internet.

Visto pela chave ‘positiva’, por outro lado, embora haja grande número de pessoas à órbita e sem participação substancial, podemos também considerar que praticamente um quarto das pessoas que responderam (24) estão ligadas e participam de algum grupo local da Rede FALE. Isso pode explicar em parte a grande presença de pessoas nos estados do Sudeste, onde se encontram a maioria dos grupos mais estruturados. Essa pode ser a confirmação de uma boa novidade da Rede, na qual a dimensão local da organização em rede está sendo levada adiante, e é hoje um dado sobre a forma de existência do FALE.

Outro fator a ser considerado é a transformação no papel ocupado pela internet nos debates e disputas política. Mais do que um meio de publicizar ideias e posições cuja realidade última se encontraria no mundo “real”, a internet vai cada vez mais se tornando a própria arena do debate político e do engajamento por excelência, produzindo ela mesma os fatos políticos que impactam o mundo “off-line”. Esta inversão no sentido dos fluxos por um lado vai alterando as regras mais tradicionais do debate público (como a presença de trolls, bots e fake news), por outro vai possibilitando que a atuação articulada em rede de pessoas geograficamente distantes possa reverberar no mundo político.

O questionário foi aplicado entre 29/Abril e 26/Junho de 2015, sendo que 88 foram respondidos nos primeiros oito dias (até 06/ Maio), outros 10 no restante do mês de Maio, e dois no mês de junho. Esse dado é importante para considerar à medida que indica que os questionários foram respondidos antes das manifestações em junho.

Tabela 1: Sobre qual igreja os membros
 Da Rede Fale se congregam

De qual Igreja participa?	Nº
Batista	29
Presbiteriana	22
Anglicana	7
Metodista	5

Assembleia de Deus	3
Outras pentecostais	14
Outras	10
Não respondeu / Não participa	10
Total	100

Grande parte dos jovens da Rede Fale estão vinculados as igrejas, porém 10 desses não assinaram nenhuma opção ou afirmavam que não participam de nenhuma igreja. Esse dado revela que dentre a juventude evangélica progressista, há marcada presença de “evangélicos genéricos”, que embora se identifiquem como evangelicais, não possuem ligações fortes com as institucionais das denominações evangélicas ou mesmo não tenha nenhum laço. É possível que esses estejam mais vinculados com organizações paraeclesiásticas protestantes, e quem sem o peso da amarra institucional da igreja ou dos pastores. Outra interpretação possível é que a noção de “Princípio Protestante” do teólogo alemão Paul Tilich (1992), que compreende que um dos elementos inerentes do campo evangélico/protestante é não deixar-se domar por nenhuma instituição que se coloque como sagrada, com inclusão das igrejas institucionais.

Tabela 2: Sobre a escolaridade dos membros da Rede Fale

Grau máximo de escolaridade	Nº
Ensino médio incompleto	1
Ensino médio completo	6
Ensino superior incompleto	35
Ensino superior completo	28
Especialização <i>latu sensu</i>	11
Mestrado	17
Doutorado	1
Pós-Doutorado	1
Total	100

Apenas uma pequena parte dos jovens da Rede Fale que responderam ao questionário ainda não entrou na Universidade, o que mostra que é um perfil diferenciado. A maioria esmagadora desses jovens, 93, ou estão cursando uma graduação (28) ou já obtém um titulação

superior. Desses entrevistados, 28 são graduados, 17 já fizeram pós-graduação lato sensu, e 19 estão em pós-graduação stritu sensu. Esse perfil revela que os jovens evangélicos progressistas da Rede Fale tem um grau de formação educacional maior do que a média dos jovens brasileiros.

Tabela 3 : Orientação sexual dos membros da Rede Fale

Orientação Sexual	Nº
Heterossexual	97
Homossexual	2
Bissexual	1
Total	100

Apenas uma pequena parte dos jovens da Rede Fale que respondeu ao questionário ainda não entrou na Universidade, o que mostra que é um perfil diferenciado. A maioria esmagadora desses jovens, 93, ou estão cursando uma graduação (28) ou já obtém um titulação superior. Desses entrevistados, 28 são graduados, 17 já fizeram pós-graduação lato sensu, e 19 estão em pós-graduação stritu sensu. Esse perfil revela que os jovens evangélicos progressistas da Rede Fale tem um grau de formação educacional maior do que a média dos jovens brasileiros.

ENTRE CONVERGÊNCIAS E DISSENSOS

Frequentemente a imagem pública dos evangélicos é colada com imagem da e da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), mais popularmente conhecida com a “Bancada da Bíblia“. Sabe-se que existe um enfrentamento público de parte líderes evangélicos e da FPE contra aos movimentos que lutam em favor de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTT). Temas como o casamento entre pessoas do mesmo sexo e combate à homofobia são geralmente alvo da ação contrária da referida bancada, afirmam Vital e Lopes (2013).

Contudo, dentro do próprio campo evangélico, há grupos que se opõem a atuação da FPE, fazendo contrapontos em relação aos posicionamentos desses. Dentre esses grupos, a Rede Fale exerce um papel que confronta a ala ultraconservadora dos evangélicos. Mas o que pensam os jovens da Rede Fale sobre esse tema? Na formulário enviado aos “falantes“, perguntou-se sobre a posição sobre casamento/união civil entre pessoas do mesmo sexo:

Tabela 4 : posição sobre casamento/união civil
 entre pessoas do mesmo sexo

É a favor da união civil/casamento entre pessoas do mesmo sexo?	N
Sim, apesar de considerar a prática homossexual como pecado, não devo impor minha concepção religiosa as pessoas.	46
Sim, se as pessoas se amam, devem ter a liberdade de se casarem.	21
Não, a prática homossexual é pecaminosa, e não deve ser permitida em nossa sociedade.	18
Tanto faz, não acho que precise opinar sobre o assunto.	3
Não, que quem quiser ser homossexual seja longe dos meus olhos.	0
Outra - a favor do casamento civil mas contra o religioso.	9
Não sabe	3
Total	100

Segundo os dados coletados, evidenciou-se que 18 jovens evangélicos responderam são absolutamente contrários ao casamento de pessoas do mesmo sexo. 21 desses afirmam que se pessoas do mesmo sexo se amam, deve ter o direito de casar.

Contudo, grande parte dos entrevistados indicaram uma posição que a despeito de entender a prática homossexual contrários aos seus valores, entendem que o estado é laico e que a sua convicção religiosa não ser imposta para toda sociedade. Essa posição desses jovens evangélicos, aponta que embora esses não abram mão dos valores de suas crenças³, entende que a diversidade deva ser preservada no corpo social.

Na polêmica sobre a eleição do deputado Marco Feliciano, conhecido por declarações polêmicas contra homossexuais e negros, para a presidência da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal no ano de 2013, a Rede Fale mobilizou uma campanha nacional contra a indicação de Feliciano pelo Partido Social Cristão.

“Marco Feliciano não tem acúmulo no terreno dos direitos humanos, e já demonstrou posturas um pouco intolerantes contra grupos que historicamente sofrem preconceito e exclusão social no Brasil”, argumenta Morgana Boostel, secretária-executiva da Rede Fale, em

3 Precisa-se pontuar que a questão da homossexualidade tem diferentes posições no campo evangélico/protestante. Embora grande parte das igrejas entenda a prática homossexual como pecado, há igrejas que toleram e até aceitam e ordenam homoafetivos. Um caso recente foi da Igreja Batista do Pinheiro que, por aclamação, seus membros votaram a favor da liberação de homossexuais em sua membresia.

entrevista concedida por telefone. “Se ele fosse um evangélico com trajetória de atuação no campo dos direitos humanos, não haveria problema nenhum. Queremos na comissão uma pessoa preparada, e isso independe de sua confissão religiosa.” Essa posição vai contra as alegações do parlamentar, que se diz vítima de “perseguição” dos grupos contrários à sua nomeação apenas por ser evangélico. Morgana Boostel rechaça as declarações do pastor contra os direitos dos casais do mesmo sexo à união civil e à adoção de crianças – que o deputado considera “desnecessário”, “privilégio” e “afronta à moralidade”. No entanto, a secretária-executiva da Rede Fale afirma que não existe consenso entre os evangélicos do grupo sobre estas questões – o que não a impede de defender o Estado laico.

“Os valores morais não devem reger a atuação dos parlamentares ou de ocupantes de cargos públicos”, diz. “Num Estado laico não cabe impor minha convicção religiosa à vida dos demais. Os direitos humanos devem ser garantidos por si mesmos, independente da crença de cada um.” De acordo com Morgana Boostel, as declarações “homofóbicas” de Marco Feliciano – “Aids é o câncer gay” e “homossexualidade é antinatural”, por exemplo – não ajudam na construção social da imagem dos evangélicos do país, que acabam sendo pintados como um grande grupo de conservadores.

“São manifestações desnecessárias e preconceituosas, que ferem a imagem das pessoas que ele julga representar”, reconhece. “Mas temos muita clareza de que os evangélicos, que são cerca de 20% da população brasileira, não formam um setor homogêneo. Há muita diversidade, como em qualquer religião.”

Como dito anteriormente, a Rede Fale esteve no Conjuve, onde teve contato com os movimentos LGBTT. Segundo Marcus Vinícius Mattos, ex secretário geral da Rede Fale, a relação entre dois grupos era o seguinte:

Quando estávamos no Conjuve, a gente costuma procurar esses grupos, e vice versa, pra encontrar pontos de diálogo. É horrível fazer parte de um grupo que publicamente hostiliza o outro. E tratando-se de jovens, isso não foi difícil. Lembro de ter dado entrevistas, participado de debates, e feito parte de comissões junto com representantes desses grupos; mas importante que isso, era encontrar pautas comuns - como por exemplo, a sub-representação midiática, caricaturada, de ambos pela grande mídia: um problema comum a evangélicos e LGBTT (MATTOS, 2017).

A fala de Marcos Vinícius não deixa de ser reveladora: Grupos que, pelo menos em tese, seriam inimigos mortais, são capazes de conversar de estabelecer pautas comuns. Se para esses jovens evangélicos progressistas Rede Fale, é possível encontrar convergências, tal abertura para o diálogo é reconhecida por representantes do movimento LGBTT. Jean Wyllys, deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade e defensor das minorias na Câmara Federal, em entrevista para a Rádio França Internacional (RFI) faz a seguinte afirmação:

Então, é possível um diálogo. Aqui no Rio de Janeiro, existe a Rede Fale, que é uma rede de evangélicos progressistas que, apesar de viverem sua fé profundamente, são favoráveis à laicidade do Estado, são favoráveis aos direitos de minorias. É possível um diálogo entre o humanismo laico e as teologias políticas (Rádio França Internacional, 2015).

Porém, embora a grande maioria da Rede Fale tenha posições mais abertas que a FPE, alguns dos seus membros parecem divergir em relação às questões relacionadas a essa aproximação com os movimentos LGBTT e a pauta de Direitos Humanos das minorias. Abaixo segue algumas indagações de dois membros descontentes:

“A luta pelos direitos das minorias são válidas e necessárias. No entanto, na questão particular do movimento LGBTT” “acredito que a Rede FALE (ou alguns membros dela) estão incorrendo no erro de endossar um discurso, que para se estabelecer, utiliza-se de argumentos falaciosos e estigmatizantes (o dito “genocídio” gay causado pelo discurso “intolerante” dos Evangélicos). Não creio que entre os direitos requisitados está o de mentir. É extremamente lamentável a postura do FALE de se omitir em relação a isso, tratando apenas como únicos malfeitores os “evangélicos”. Acho, portanto, que a Rede FALE deveria ser mais prudente nesse assunto e com mais filtro” (Entrevistado 4).

Admiro muito o trabalho do movimento e as causas que já tiveram em alvo para a luta. Mas, as últimas discussões sobre homofobia estão perdendo o foco, muitos falantes estão agindo como “xiitas” e fugindo dos ensinamentos de Deus. Devemos amar as pessoas e entender que a Bíblia condena o homossexualismo, mas isso não quer dizer que não devemos amá-los e termos misericórdia de suas vidas. O homossexualismo é um pecado como qualquer outro e deve ser tratado e não aceito como um comportamento normal, assim como muitos cristão estão fazendo (Entrevistado 9).

O que transparece nessas respostas é que há uma minoria que vê os posicionamentos da Rede Fale em relação as minorias gays com muito temor. Para esses, a rede deveria ter uma posição mais defensiva e refratária em relação as críticas que movimentos LGBTT fazem ao

conservadorismo de grande dos evangélicos no Brasil. Há também a própria tensão sobre a homossexualidade, onde se discute é ou não uma prática pecaminosa. Em meio a um grupo com um número considerável de denominações evangélicas e com diferentes ênfases teológicas, a linha para manter a rede conectada passa por tensionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, é necessário reconhecer que o mundo juvenil é complexo e que cada vez mais percebe-se que novos marcadores operativos dentro do campo da juventude, como é o caso dos jovens evangélicos progressistas.

A atuação da Rede FALE, traz novas questões para refletir tanto sobre as múltiplas expressões do mundo juvenil, como desvela que o campo religioso afeta e afetado pelo mundo que está inserido.

A pesquisa em questão também interroga-se como o elemento da fé e da crença operam como catalizadores para o campo das juventudes, fazendo com que jovens de um determinado grupo religioso, como é o caso dos evangélicos, incidem sobre os espaços públicos e resignificam suas militâncias a partir de sua matriz religiosa e teológica.

É preciso se perguntar quais são esses argumentos de fé que orientam sua participação política. Comumente a Rede FALE faz com que a partir de sua pertença religiosa mobilize os jovens evangélicos para o envolvimento em temas relacionados com os Direitos Humanos. Nesse sentido, os jovens evangélicos progressistas que estão nessa rede oferecem um novo olhar sobre a diversidade existente no mundo evangélico. Será possível dizer que há um devir minoritário de caráter progressista dentro de um grupo visto como irremediavelmente conservador e fundamentalista?

Em outra medida, embora a Rede Fale apresente uma maior abertura para questões como a causa dos movimentos LGBTT, por exemplo, ela experimenta as próprias tensões e conflitos que estão presentes em sua base em torno desse tema. Ainda que uma pequena parte das respostas indiquem esse conflito, parece não se tão fácil administrar essas tensões, especialmente quando se está em disputa valores de ordem religiosa e teológica.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Juventude, juventudes: O que une e o que separa.** UNESCO, Representação no Brasil, 2009.

CUNHA, Magali. O “Caso Marco Feliciano” como paradigma para os estudos em mídia, religião e política no Brasil. 2015.

MATTOS, Marcus V. JOVENS, EVANGÉLICOS E PROGRESSISTAS: O PERFIL DA REDE FALE: inédito. Belo Horizonte/Brasil, 10 jul. 2017. Entrevista concedida a Caio César Sousa Marçal.

MARÇAL, Caio S. M. Dissensos entre os evangélicos: O debate sobre maioria penal e direitos humanos. In: Congresso Nacional de Graduações e Pós-Graduações em Ciência da Religião, 2015, Juiz de Fora. **Anais do CONACIR**. Juiz de Fora, 2015. v. 1. p. 498-506.

Nigri, Sara D. **Juventude e religião em debate: um estudo sobre a participação dos jovens evangélicos na construção de políticas públicas de juventude**. (Monografia, Vitória, Universidade Federal de Minas Gerais). 2010

NOVAES, Regina. Youth, religion and public space: examples” good to think” times and signs. **Religião & Sociedade**, v. 32, n. 1, p. 184-208, 2012.

RÁDIO FRANÇA INTERNACIONAL. **Para Jean Wyllys, comunidade LGBT ainda reivindica dignidade humana no Brasil**. Disponível em <<http://br.rfi.fr/geral/20150516-para-jean-wyllys-comunidade-lgbt-ainda-reivindica-dignidade-humana-no-brasil>>. Acesso em: 8 set. 2017.

REDE BRASIL ATUAL. **Evangélicos se opõem à indicação de pastor para presidir Comissão de Direitos Humanos**. Disponível em <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2013/03/grupo-evangelico-se-opoe-a-indicacao-de-pastor-para-presidir-comissao-de-direitos-humanos-da-camara>>. Acesso em: 8 set. 2017.

TILLICH, Paul. **A era protestante**. São Paulo/S. Bernardo do Campo, Ciências da Religião, 1992.

VITAL, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite. **Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil**. Fundação Heinrich Böll, 2013.

PASTORAL DA JUVENTUDE NO REGIONAL NORTE 2 DA CNBB: UMA ANÁLISE SWOT A PARTIR DA CATEGORIA DOS STAKEHOLDERS

Denny Junior Cabral Ferreira
dennyover@gmail.com

PPGCR/UEPA/ FAJE - Rede Brasileira de Institutos Juvenis

Esta comunicação corresponde a uma análise estratégica da Pastoral da Juventude no Regional Norte 2 da CNBB por meio da ferramenta SWOT, fruto de parte da pesquisa de mestrado em Ciências da Religião, na linha de Movimentos e Instituições Religiosas, intitulada “Se a Juventude viesse a faltar, o rosto de Deus iria mudar”: Um estudo da atualidade teológica da Pastoral da Juventude no Regional Norte 2 da CNBB (Pará e Amapá) frente aos seus *stakeholders*” desenvolvida entre os anos de 2015-2017. O problema proposto e estudado foi o de analisar a atualidade teológica da Pastoral da Juventude no regional diante de um cenário geopolítico e sociorreligioso adverso, em que os diversos grupos de interesse internos à Igreja Católica se articulam na disputa do público juvenil e seus pontos de vista sobre a Pastoral da Juventude. O objetivo geral da dissertação foi o de analisar a trajetória de quarenta anos (1976 a 2016) da Pastoral da Juventude do Regional Norte 2 da CNBB, numa abordagem transversal de como uma expressão juvenil, católica e do terceiro setor, gesta(ria) de forma estratégica seus pressupostos teológicos a fim de se manter fiel à sua missão, identificando como seus *stakeholders* se relacionam, influenciam e determinam sua visão de futuro. O referencial teórico-metodológico pautou-se na obra de Foucault no que concerne à análise dos discursos de um modo geral e, referente à análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposta discutida e defendida por Lefèvre e Lefèvre. Além de Bourdieu, possibilitando discutir o Regional Norte 2 como um sistema religioso enquanto articulador de suas próprias estruturas simbólico-institucionais, segundo a compreensão do “campo religioso”. A pesquisa realizada foi de campo e bibliográfica, de abordagem qualitativa na metodologia do DSC e dados por meio de entrevistas, questionários semiestruturados e documentos históricos. Como resultados a organização pastoral da Igreja Católica, a Pastoral da Juventude do Regional Norte 2 da CNBB é extremamente dependente desta; o relacionamento com a Igreja Católica e sociedade é bilateral – ad e extra instituição, redefinindo pressupostos teológicos e adequações à realidade de região marcada por contradições e conflitos; nítido o vazio institucional pela hierarquia católica, cujos desdobramentos: deslegitimando sua atuação, questionando sua práxis, sugerindo caduquice de sua pedagogia, questionando sua abrangência e história, descaracterizando-a sua identidade libertadora e protagônica. A pesquisa concluiu que a Pastoral da Juventude no Norte 2 da CNBB é a única experiência perene, em rede e horizontal de protagonismo no meio católico mantenedora de uma proposta genuína de empoderamento do laicato juvenil, diante do que está sendo proposto como alternativas – a Pastoral Juvenil e o Setor Juventude – cuja atualidade, vitalidade e manutenção somente terá chance de êxito se profissionalizar a administração de seus *stakeholders* com vista a projetar uma visão de futuro enquanto organização. Neste trabalho focou-se apenas a identificação dos pontos fortes, fracos, oportunidades e ameaças à PJ do Regional Norte 2 apontados por cinco categorias de *stakeholders* internos e externos à organização e as constatações observadas entre os mesmos.

Palavras-chave: Pastoral da Juventude, *Stakeholders*, Análise SWOT.

INTRODUÇÃO: LÓCUS, SUJEITO E METODOLOGIA DA PESQUISA

A Pastoral da Juventude (PJ) é herdeira da Ação Católica Especializada (ACE) e pertence ao conjunto, juntamente com as Cebs, as Pastorais Sociais, os grupos e movimentos de cristãos, identificados como “progressistas”, historicamente ligados ao “Cristianismo de Libertação” e originados nas décadas de 1960/70. Contudo, na atualidade vivem um momento de crise, motivada pela mudança eclesiológica e teologal que passou a Igreja Católica (IC) e demais Igrejas Históricas no fim do século XX e limiar do século XXI. Sofiati (2012) afirma que as PJs correspondem à reatualização de uma corrente histórica da IC que teve seu início nos anos 1950 com a ACE, que contribuiu para o surgimento da Teologia da Libertação (TdL) e, nos dias de hoje, está presente nas Pastorais sociais e nas Pastorais da Juventude (do Brasil) – na forma um novo discurso teologal.

O lócus da pesquisa é o Regional Norte 2 da CNBB, circunscrição eclesiástica da CNBB, formada por 14 sedes eclesiásticas, sendo: uma arquidiocese (Belém), dez dioceses (Abaetetuba, Bragança, Cametá, Castanhal, Conceição do Araguaia, Macapá, Marabá, Óbidos, Ponta de Pedras e Santarém) e três prelazias: Itaituba, Marajó e Xingu. O Regional Norte 2 é formado pelos Estados do Pará e Amapá, tem uma superfície de 1.298.838,7 km², uma população de 9.097.875 e uma densidade demográfica de 7 hab./km².

O sujeito da pesquisa é a Pastoral da Juventude do Regional Norte 2 da CNBB (PJN2), presente atualmente de forma oficiosa em 13 das 14 sedes citadas acima (a exceção é a Diocese de Castanhal, desde 2005). Organização pastoral juvenil, presente no Regional desde 1976, tendo na Arquidiocese de Belém a primeira sede organizada como “Pastoral da Juventude”. Corresponde ao coletivo aproximado de 1.200 grupos de jovens, com perfil entre 14 e 29 anos de idade, média de 30 indivíduos por grupo, um contingente aproximado de 36 mil jovens diretamente atingidos, organizados por paróquias por meio de rede de grupos nomeadas de “pastoral da juventude paroquial” (em todo o regional são 318 paróquias, sendo que Arquidiocese de Belém é maior com 79 paróquias e as Prelazias de Itaituba e Ponta de Pedras são as menores com 6 paróquias cada), regiões episcopais, distritos ou áreas pastorais (conforme a realidade de cada diocese/prelazia), diocese ou prelazias (a “pj diocesana ou prelatícia”), áreas regionais (são quatro atualmente, coordenadas por jovens e assessoradas por um assessor/a destacado, correspondem ao conjunto de uma ou mais dioceses/prelazias) e regionalmente organizados com uma Secretaria (Executiva) Regional (SR) dentro de uma Coordenação Regional (CR) acompanhada por uma Assessoria Regional (AR), sendo que todos são eleitos ou indicados em assembleias trienais).

Como categoria-chave de análise da pesquisa foi utilizado o conceito de *stakeholder*, que serão nomeados e classificados como internos e externos à organização. O termo, oriundo da língua inglesa é formado pela junção de *stake* (“parte”, “interesse”) e *holder* (“proprietário”, “dono”). “Parte interessada” é uma das possíveis traduções em língua portuguesa (VALLE, José Angelo do et al, 2014, p. 18). Em sentido restrito: “qualquer grupo ou indivíduo identificável no qual a organização é dependente para sobreviver” (SIMAENS, 2012, p. 201).

Outra apropriação utilizada é a de “grupos de interesse”, no sentido de grupos ou conjuntos de indivíduos que a organização responde a certo ponto.

Na pesquisa de campo, optou-se por pelo uso de um questionário único, com questões fechadas e abertas, empregado tanto na forma impressa e de formulário digital, disponível para acesso via web, partilhando da mesma base para fins de concatenação dos dados. Os informantes espontaneamente se identificaram com um perfil pré-existente, entre os 5 (cinco) disponíveis.

A TEORIA DOS STAKEHOLDERS E O CONCEITO DE ESTRATÉGIA

A origem da Teoria dos *Stakeholders* baseia-se em quatro ciências fundamentais: a sociologia, a economia, a política e ética, especialmente na literatura do Planeamento Corporativo, da Teoria dos Sistemas, da Responsabilidade Social Corporativa, e da Teoria das Organizações. Freeman (1984) procurou explicar a relação da empresa com seu ambiente externo e o seu comportamento dentro deste ambiente, onde a empresa é posicionada no centro e é envolvida pelos *stakeholders* que se ligam à empresa. As ideias de Freeman (1984), que culminaram com a Teoria dos *Stakeholders*, surgiram num contexto organizacional onde a empresa percebeu que não era autossuficiente e que dependia de seu ambiente externo, composto por grupos externos à sua organização.

A literatura em gestão mostra que gerir organizações baseando-se na gestão dos seus *stakeholders* tem sido uma alternativa de gestão organizacional, especialmente em organizações com múltiplos e variados *stakeholders*, como é o caso de organizações públicas. A Teoria dos *Stakeholders* prescreve que a sua gestão dentro de uma organização pode contribuir de modo significativo para o alcance dos objetivos organizacionais. Apesar das diversas propostas da literatura, com diversas variáveis, algumas delas de difícil medição, a priorização de *stakeholders* de uma organização pela influência de cada *stakeholder* (sob o ponto de vista da organização) parece ser a mais simples e coerente.

Desde seu início, a Teoria e, conseqüentemente, a gestão dos *stakeholders* tem como objetivo aprimorar a estratégia das organizações. Pode-se conceituar estratégia como a capacidade de alocar os recursos da organização para o alcance de determinado objetivo. De acordo com Chiavenato e Sapiro (2003), a palavra de origem grega – *strátegeos* e atualmente, é utilizada no mundo corporativo para definição de ações a curto, médio e longo prazo, na obtenção de vantagens competitivas.

O conceito de vantagem competitiva advém do valor que determinada organização cria para seus clientes ou usuários em oposição ao custo que tem para criá-la, portanto a formulação de uma estratégia competitiva é essencial para qualquer organização, pois esta dificilmente poderá criar condições, ao mesmo tempo, para responder a todas as necessidades de todos os segmentos de mercado atendido, proporcionando à organização, desta forma, criar uma posição única e valiosa que a diferencia no seu ambiente. Um dos grandes pensadores desse importante tema foi Michael Porter. Em seus estudos, Porter pode identificar,

observando o ambiente de competição em que estavam inseridas diversas organizações, as questões fundamentais que lhes conferiam ou não, alguma vantagem competitiva, ou seja, a necessidade de obtenção de requisitos e desenvolvimento de atributos que nos propicie melhores condições de competir em relação às condições de seus concorrentes (PORTER, 2005). O conceito, apesar de amplamente usado na indústria capitalista moderna, é atualmente empregado em todas as organizações, empresariais ou não, com vista a se destacar em seu setor ou mercado.

Chiavenato e Sapiro (2003) afirmam que é difícil conceituar estratégia, por se tratar de um processo adaptativo. Cada organização trata o termo de acordo com o ambiente em que está inserida e há a necessidade de uma formulação certa para o entendimento por todos os membros envolvidos nas atividades das organizações (*stakeholders*).

Para Mintzberg (2010) estratégia é algo extremamente complexo para definir. Em sua pesquisa sobre o tema, procurou cobrir a literatura e a prática – “para expor seus diferentes ângulos, orientações e tendências”. Suas definições, formas e abordagens são tão variadas quantos forem os pensadores estrategistas ao apresentá-la: “peça a alguém uma definição de estratégia e provavelmente lhe dirão que estratégia é um plano, ou algo equivalente – uma direção, um guia ou curso de ação para o futuro, um caminho para ir daqui até ali.”

Ainda segundo Mintzberg (2010) a “estratégia é um padrão, isto é, consistência em comportamento ao longo do tempo; como uma posição”, enquanto que para Porter (1998), estratégia é:

a criação de uma posição única e valiosa, envolvendo um conjunto diferente de atividades, nesta visão a estratégia é olhar para o ambiente interno, para o ponto em que o produto encontra o cliente ou usuário – bem como para o ambiente externo – para o mercado ou campo de ação; vista como uma perspectiva a estratégia olha para dentro da organização, na mente de quem a lidera – mas também para cima – para a grande visão de futuro que a organização projeta para si” (PORTER, 1998, p. 68).

Diante destes pressupostos, pode-se afirmar que a estratégia é a capacidade de posicionar-se de forma mais adequada diante das situações apresentadas nas organizações, principalmente diante de situações de crise e constantes mudanças do cenário conjuntural da organização da sociedade civil. A formulação de estratégias adequadas para as instituições do Terceiro Setor tornou-se uma premissa para que elas possam definir suas ações e alternativas de atuação e, perpassa necessariamente na identificação e administração dos *stakeholders*.

OS *STAKEHOLDERS* NA PESQUISA

A aplicação da categoria *stakeholder*, tanto na pesquisa, quanto neste artigo, tem como definição a de “grupos de interesse”. Os *stakeholders* foram agrupados em cinco grandes perfis:

Perfil 1 – Correspondendo aos conjuntos de Bispos, coordenadores diocesanos ou prelatícios de pastoral, sacerdotes e religiosos/as residentes e atuantes da CNBB Norte 2; **Perfil 2** – Correspondendo ao Secretariado do Regional Norte 2, as Lideranças de outras pastorais, movimentos e serviços da CNBB Norte 2; **Perfil 3** – Correspondendo a integrante e líderes de Grupos de Base (grupos de jovens); Coordenadores e Assessorias da PJ, sejam de paróquias, áreas pastorais, dioceses ou prelaças e aos próprios membros da atual coordenação e assessoria regional da PJ, assim como sua secretaria; **Perfil 4** – Correspondendo a Militantes da Pastoral da Juventude tanto o perfil dos que atuam em nível eclesial, social ou ambos e o **Perfil 5** – Correspondendo a Lideranças de Outras Expressões de Juventude Católica, assim também como líderes da Pastoral Vocacional (PV), Pastoral Catequética, Pastoral do Crisma, entre outras. Ou seja, organismos que tem como público referencial os jovens. Para uma compreensão da distribuição geopolítica dos *stakeholders*, vide tabela 1:

Tabela 1: Distribuição geopolítica dos *stakeholders*

Perfil	Distribuição geopolítica dos <i>stakeholders</i>														
	Diocese	Diocese de Abaetetuba	Arquidiocese de Belém	Diocese de Bragança	Diocese de Carretá	Diocese de Condição do Araguaia	Diocese de Castanhal	Prelazia de Itaituba	Diocese de Macapá	Diocese de Marabá	Prelazia do Marajó	Diocese de Ponta de Pedras	Diocese de Santarém	Diocese de Óbidos	Prelazia do Xingu
% de participação relativa	%	10,5%	50,0%	3,1%	3,1%	3,1%	6,1%	1,8%	5,3%	3,6%	3,0%	0,3%	5,6%	0,1%	4,4%
Perfil 1	Bispos, Coordenadores de Pastoral, Sacerdotes e Religiosos/as	8,5%	23,1%	46,2%	–	–	–	–	7,7%	–	7,7%	–	–	–	7,7%
Perfil 2	Secretariado, Lideranças de Pastoral, Movimento e Organismo	7,2%	18,2%	54,5%	–	–	9,1%	9,1%	9,1%	–	–	–	–	–	–
Perfil 3	Grupos de Base, Coordenadores e Assessorias da PJ	55,6%	10,6%	28,2%	4,7%	15,3%	1,2%	–	–	1,2%	9,4%	7,1%	1,2%	12,9%	3,5%
Perfil 4	Militantes da PJ	16,3%	–	60,0%	4,0%	–	12,0%	–	–	8,0%	8,0%	–	–	4,0%	–
Perfil 5	Lideranças de Outras Expressões Juvenis	12,4%	–	57,9%	5,3%	–	–	21,1%	–	–	–	–	–	10,5%	–

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos estados Pará e Amapá, meses de fevereiro a maio de 2017.

UMA ANÁLISE SWOT DA PJN2

A análise SWOT¹ é considerada uma ferramenta clássica da administração estratégica, creditada a professores da Universidade Stanford e desenvolvida na década de 1960, a partir da análise das 500 maiores empresas dos Estados Unidos (Revista Fortune). É indicada para organizações de todos os portes e serve para analisar os pontos fortes e fracos, e as oportunidades e ameaças de um negócio, empreendimento ou organização. Normalmente, se organiza um plano de ação para reduzir os riscos e aumentar as chances de êxito por meio de metas

1 Cf. Ferramenta: Análise SWOT (Clássico) disponibilizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas - Sebrae. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/ME_Analise-Swot.PDF/>. Acesso em: 10 dez 2017.

gerenciais da organização e não deve ser realizada sem uma análise de conjuntura do setor a qual a organização atua. Com base nas respostas dos cinco perfis dos *stakeholders*, o quadro 1 corresponde à Matriz SWOT da PJN2.

Quadro 1: Matriz SWOT da PJN2

Pontos Fortes (Forças/Strengths)		Potencialidades (Oportunidades/Opportunities)					
AMBIENTE INTERNO	Protagonismo Juvenil	122	79,22%	AMBIENTE EXTERNO	55,19%	85	A presença das Ceb's
	Sua opção pelos jovens	119	77,27%		52,60%	81	Protagonismo do leigo/a
	Sua opção pelos pobres	112	72,73%		50,65%	78	Espaço para diversidade pastoral
	Abertura para o novo	103	66,88%		48,70%	75	Militância nos Movimentos/Pastorais Sociais
	Sua crítica social	103	66,88%		45,45%	70	Apoio/Aprovação do bispo
	Marca e identidade	102	66,23%		45,45%	70	Uso de Mídias Sociais
	Formação Integral e na Ação	100	64,94%		43,51%	67	Resposta aos clamores dos jovens
	Sua militância	94	61,04%		43,51%	67	Uma Igreja profética
	Seu senso crítico	91	59,09%		41,56%	64	Reconhecimento social
	Sua dimensão sociopolítica	91	59,09%		40,26%	62	Apoio/abertura da Coordenação de Pastoral a Pastoral Juvenil
	Sua Articulação	87	56,49%		39,61%	61	Troca de experiências e Expressões Juvenis da Sociedade
	Ter uma Espiritualidade Encarnada	87	56,49%		37,66%	58	Apoio/abertura do clero local
	Pedagogia dos Pequenos grupos	85	55,19%		35,06%	54	Como espaço vocacional
	Base de/para uma Teologia Juvenil	84	54,55%		34,42%	53	a classe social majoritária dos jovens
	Fazer memória histórica	84	54,55%		33,12%	51	Ser uma pastoral de fronteira
	Seu Planejamento	84	54,55%		32,47%	50	Troca de experiências e Outras Expressões Juvenis Católicas
	Sua dimensão Teológica/Espiritual	82	53,25%		32,47%	50	Presença das congregações religiosas
	Sua Organicidade	82	53,25%		31,17%	48	Adoção do Setor Juventude
	Seus Métodos	81	52,60%		28,57%	44	Existência de atratividade, de público
	Sua Assessoria	79	51,30%		25,32%	39	Compatibilidade com o modelo de Igreja local
Resiliência	74	48,05%	20,13%	31	Escassez de Outras Expressões Juvenis		
Seu ecumenismo	73	47,40%	14,04%	17			
Ter projetos específicos/próprios	72	46,75%					
As Atividades de Massa	70	45,45%					
As estruturas de serviço	55	35,71%					
Capacitação técnica	43	27,92%					
Horizontalização das estruturas	36	23,38%					
Outros	8	5,19%					
Pontos Fracos (Fraquezas/Weakness)		Dificuldades (Ameaças/Threats)					
AMBIENTE INTERNO	Falta de Sustentabilidade Financeira	122	79,22%	AMBIENTE EXTERNO	58,44%	90	Falta de apoio clerical
	Escassez de assessores	95	61,69%		53,25%	82	Troca de experiências com Outras Expressões Juvenis
	Conflitos internos	83	60,39%		49,35%	76	Adolescentização dos Grupos de Jovens
	Carnismo de lideranças	68	44,16%		45,45%	70	Conflito de geração nas comunidades/paróquias
	Perda/ingerência de Militantes	56	36,36%		43,51%	67	Adoção do Setor Juventude
	Rotatividade de líderes	54	35,06%		42,86%	66	Descredito pastoral
	Improvisação	47	30,52%		40,26%	62	Concorrência com as novas Expressões Juvenis
	Dependência da Igreja local	43	27,92%		36,36%	56	Pentecostalização dos Grupos de Jovens
	Perda de quadros	43	27,92%		35,71%	55	Falta de apoio de religiosos/as
	Ativismo	40	25,97%		35,06%	54	Perda de diálogo c/ o clero
	Oportunismo militante	39	25,32%		33,77%	52	Perda de credibilidade/espaço
	Burocratização	35	22,73%		33,12%	51	Desgaste da sua imagem
	Dificuldade de dialogar	33	21,43%		31,17%	48	Perda de reconhecimento
	Imediatismo	31	20,13%		28,57%	44	Falta de atratividade, público
	Filiação a grupos de fora da Igreja	30	19,48%		27,92%	43	Incompatibilidade com o modelo de Igreja local
	Intolerância aos de fora	29	18,83%		25,32%	39	A dureza das pastorais
	Sentimento de exclusivismo	27	17,53%		24,03%	37	Alvo de Isolamento
	Verticalização das estruturas	24	15,58%		24,03%	37	Perda de interlocutores na Igreja Local
	Vanguardismo pastoral	18	11,69%		18,83%	29	Uso de Mídias Sociais
	Ter o jovem como protagonista	13	8,44%				
Outros	4	2,60%					

Fonte: Pesquisa de campo realizada nos estados Pará e Amapá, meses de fevereiro a maio de 2017.

Analisando o **ambiente interno** da PJN2, treze pontos fortes são destacados, todos com percentuais acima de 55%: o protagonismo juvenil, sua opção pelos jovens, sua opção pelos pobres, a abertura para o novo, sua crítica social, sua marca e identidade, a formação integral e na ação, sua militância, seu senso crítico, sua dimensão sociopolítica, sua articulação, ter uma espiritualidade encarnada e a pedagogia dos pequenos grupos. Entre os **pontos fortes** que se encontram numa escala estacionada, destacam-se: a memória histórica, o planejamento, as atividades de massa, a assessoria e as estruturas de serviço. *Outros pontos fortes*, num total de oito citações listados espontaneamente pelos *stakeholders*: a autonomia, a liderança, capacidade de renovação, o ardor missionário, o vínculo comunitário, a unidade pastoral, a coesão interna e o companheirismo militante. Ou seja, há o reconhecimento de fortes pressupostos internos como marcadores de força, são elementos clássicos da pedagogia

pastoral da PJ em todo o Brasil e que se estende à sua versão no Norte 2, não apresentam novidade, denotando, todavia, atualidade.

Entre os **pontos fracos**, apenas três se descantam: a falta de sustentabilidade financeira, a escassez de assessores/as e os conflitos internos. *Outros pontos fracos*, num total de 4 (quatro) citações são: a interação interna, a ligação com a Igreja Local, a falta de uma prática sistemática de elaboração/revisão do Projeto de Vida (PV) e a questão da falta de clareza da identidade pastoral. Observa-se que os pontos fracos são de ordem estrutural. A falta de sustentabilidade financeira é perceptivelmente o maior entrave interno à pastoral, fruto da desoficialização como modelo de pastoral e em curso a muito tempo, no cenário eclesiológico católico brasileiro. A falta de assessores/as é em parte devido à falta de recursos e, supõe-se ao distanciamento de leigos, principalmente de religiosos/as disponíveis a acompanhar a PJ que, aliado aos conflitos internos, marcada por uma geração de líderes marcadas pelo carreirismo, personalismo e pelas disputas de sentido e missão que se deve dar à pastoral no atual cenário de crise.

Quanto ao **ambiente externo** da PJN2, nove **oportunidades** destacam-se: a presença das Cebbs, o protagonismo laical, o espaço para a diversidade pastoral, a militância nos Movimentos e Pastorais Sociais, o apoio/aprovação do bispo, o uso de mídias sociais, ser resposta aos clamores dos jovens, uma igreja profética e o reconhecimento social. *Outras oportunidades não foram apontadas*. Entre as oportunidades estacionadas, destaca-se: a Pastoral Juvenil, o apoio/aprovação do clero, a classe social majoritária dos jovens, ser uma pastoral de fronteira e a presença das Congregações Religiosas Católicas. Notório observar que, apesar de não ser geral, pois as próprias Cebbs sobrevivem em alguma Igrejas Particulares do Norte 2 como movimento, reconhece-las como oportunidade à ação e organização de uma pastoral como a PJN2, demonstrando por parte dos *stakeholders* o mesmo modelo ou tendência eclesial alinhado com os conceitos de protagonismo laical, diversidade pastoral, militância sócio-eclesial e do profetismo. Reconhece-se que há clamores juvenis aos quais a PJN2 pode ouvir; o apoio/aprovação do bispo é necessário e que normalmente não se estende ao clero (o movimento inverso também ocorre); o potencial uso das mídias sociais e o reconhecimento social, em vez do eclesial.

Entre as **dificuldades ou ameaças apontadas**, descaram-se apenas quatro: a falta de apoio clerical, a troca de experiência com outras organizações juvenis, a adolescentização dos grupos de jovens e o conflito de gerações nas comunidades/paróquias. A análise das ameaças externas reforça o distanciamento com o clero católico. A troca de experiências com outras organizações juvenis, católicas ou não, pode denotar dificuldades no trato político, na capacitação técnica e pode-se supor até uma tendência ao bairrismo e centralismo, perdendo a perspectiva missionária, tão típica da militância e lideranças da PJN2. A adolescentização dos grupos de jovens é um fenômeno já observado desde o fim dos anos 1990 e muito maior que a PJ e somente reflete a típica crise geracional, pois grupos de adolescentes (ou formada por uma parcela cada vez maior de adolescentes) tendem a sofrer preconceitos em número maior que os jovens, por parte da ala adulta das comunidades e paróquias católicas.

A lógica da análise SWOT indica que os pontos fortes devem anular as ameaças apontadas, assim como as oportunidades listadas devem sobrepor sobre os pontos fracos apontados. Assim, os pontos fortes denotam que os principais pressupostos internos da PJ continuam válidos, reforçando a necessidade de um modelo de pastoral que empodere os jovens nas comunidades e paróquias católicas, apresentando-os como sujeitos da ação pastoral, atenuando as ameaças listadas. Em contrapartida, o conjunto de oportunidades podem conferir vitalidade à PJN2, desde que possibilitados pelas Igrejas Particulares e reforçado em conjunto aos grupos de interesse que estão em torno da PJN2 e simpatizam com seu projeto pastoral, atenuando seus pontos fracos, fortalecendo-a como uma proposta válida de evangelização da juventude católica, dando-lhe assim sobrevida pastoral.

Partindo-se do pressuposto da Administração Estratégica que PJN2 é uma organização do terceiro setor, a mesma não pode sobreviver em ambientes turbulentos sem uma visão de longo prazo e sem uma gestão estratégica. Para Ana Simaens, “muitas OSFL podem ter estratégias gerenciais, mesmo quando não expressas num plano, identificáveis pela observância de suas ações e padrão de decisão”. Ao se analisar o ambiente externo e interno da PJN2, numa perspectiva baseada nos *stakeholders* tem-se a possibilidade da formulação de uma estratégia pastoral com capacidade de resposta de longo prazo e sem perder da originalidade de sua proposta (SIMAENS, 2012, p. 202).

UMA TENTATIVA DE CONCLUSÃO

A PJN2 representa um importante passo na vida da IC a partir de uma experiência pastoral voltada aos jovens, como resposta aos questionamentos sociopolítico e religioso da década de 1970 do século XX. Uma proposta acima de tudo pedagógica, herdeira da ACE e adaptada a conjuntura da época e que foi evoluindo até se consolidar nos anos 1980, gestada de baixa para cima e horizontalmente construída para funcionar em rede. Aqui, utilizo o termo na acepção de Recuero (2009, p. 64) em que uma rede corresponde ao conjunto de “atores”, identificadas como as pessoas, instituições ou grupos; os nós de uma rede e suas respectivas “conexões”, ou interações ou laços sociais. Cujo foco está na estrutura social, não sendo possível isolá-los. Sendo assim, os atores são os primeiros elementos de uma da rede social, que a autora identifica como os nós (ou nodos). Por sua vez, os atores acabam por moldar as estruturas sociais, por meio da interação e da constituição de laços sociais, as conexões. A PJN2 é uma rede à medida que seus atores, representados por grupos de base (jovens) com traços comuns, se organizam (se conectam) num modelo próximo ao federativo em comunidades, paróquias, dioceses e por fim, regionalmente, partilhando coordenações, assessorias e pautas em comum.

A experiência mais recente tem demonstrado que só sobrevive no campo católico àquelas experiências que verdadeiramente são organizadas e bem administradas e que de alguma forma dão dividendos ao conjunto. E neste cenário, não cabe mais uma simples “concorrência”, pois o valor da diversidade está em apresentar variadas soluções para um mesmo fim que o próprio processo de institucionalização tende a conformar, situação tolerada pela

própria Igreja, misto de movimentos, ordens e visões de pastoral. Em suma, a instituição cabe um papel conservador sim, regulador dos valores.

Caberia a PJN2, assim como suas congêneres, identificar de forma mais sistemática suas vantagens competitivas, seja a partir da análise SWOT ou outras ferramentas estratégicas, sem pudor, reconhecendo-se num cenário por muitas vezes adverso, controverso e de concorrência pastoral.

REFERÊNCIAS

- BORAN, Jorge. **O Futuro tem Nome: Juventude**. Sugestões práticas para trabalhar com jovens. São Paulo: Paulinas, 1994.
- CASTRO, Carmem Lúcia Freitas de; GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga; AMABILE, Antônio Eduardo de Noronha. **Dicionário de Políticas Públicas**. Barbacena: EdUEMG, 2012.
- CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÃO SOCIAL. **Anuário Católico do Brasil**. CERIS, 2015.
- CHIAVENATO, Idalberto; SAPIRO, Arão. **Planejamento Estratégico: fundamentos e aplicações**. 10ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- FREEMAN, Robert Edward. **Strategic management: a stakeholders approach**. Boston: Pitman, 1984.
- LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti; TEIXEIRA, Jorge Juarez Vieira. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.
- LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne.
- MINTZBERG, Henry et al. **Safári de estratégia: um roteiro para a selva do planejamento estratégico**. Tradução de Belon Ribeiro. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO À MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Ferramenta: **Análise SWOT (Clássico)**. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/ME_Analise-wot.PDF/>.
- Acesso em: 10 dez 2017.
- SIMAENS, Ana. Estratégia nas Organizações Sem Fins Lucrativos. In **Estratégia Organizacional: do Mercado à Ética**, Nelson António (Org.). Lisboa: Escolar Editora, 2012.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. **Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação**. São Carlos: EdUSFCar, 2012.

PORTER, Michael E. **Estratégia - A Busca da Vantagem Competitiva**. Rio de Janeiro, 1998.

_____, Michael E., **Estratégia Competitiva**. Campus, 2005.

VALLE, José Ângelo Santos do et. al. **Gerenciamento de stakeholders em projetos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

AS IMPLICAÇÕES DA MODERNIDADE LÍQUIDA NA PASTORAL UNIVERSITÁRIA: FAZER PASTORAL EM TEMPOS LÍQUIDOS

Uatos Pires Pereira

(Especialista em Juventude no mundo contemporâneo – FAJE;
graduando em Teologia – PUC Minas)

uatos@hotmail.com

Pesquisa financiada pela Fundação
de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

A *modernidade líquida* é o *sitz im leben* (contexto vital) no qual se desenvolve a PU assim como toda pastoral da Igreja hoje. O reconhecimento dessa realidade é fundamental para se traçar novos projetos de evangelização, que devem ser enraizados na prática existencial. Olhar o passado com saudosismo não ajuda na difusão do evangelho. Assumir o tempo presente, com suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias, é condição para uma ação pastoral eficaz.

TEMPOS DE CRISE

Na obra *Em busca da política*, Bauman identifica que a sociedade contemporânea passa por um momento de crise. No intuito de chegar a uma compreensão acurada dessa crise ele identifica duas possíveis respostas:

A resposta óbvia e simples (que parece óbvia *porque* simples) a essa inquietação seria apontar o pequeno volume de idéias estranhas e sem precedentes que destroem expectativas geradas e nascidas em épocas quando as coisas mudavam muito mais lentamente. Diz-se que, embora o mundo tenha estado sempre em mudança, nunca antes as mudanças foram tantas nem tão profundas e que o rápido aumento da quantidade e profundidade das mudanças tornam muito mais difícil a permanente tarefa humana da auto-orientação.

Um pouco menos óbvia mas resposta também relativamente simples seria assinalar que nunca antes eventos e transformações fundamentais que marcam as gerações envelheceram e desapareceram tão rápido quanto hoje, sucedendo-se com enorme velocidade, e que conseqüentemente os períodos de tempo de gerações específicas são hoje mais curtos do que nunca – alguns anos e não algumas décadas (BAUMAN, 1999, p. 147-148).

O momento atual é caracterizado pela ansiedade (cf. BAUMAN, 1999, p. 148), visto que há uma procura constante por respostas e definições, mas o máximo que podemos chegar

são especulações que caem no campo da incerteza¹. Com isso, na atualidade nos deparamos com pessoas cada vez mais angustiadas por diversos motivos (financeiro, estético, religioso, acadêmico, etc.). Para Bauman, essa angústia é fruto da vastidão de possibilidades que são apresentadas ao homem, sendo que seu poder de escolha é limitado, todavia é falsamente colocado como infinito pelo *markgent*.

Nas novas circunstâncias, o mais provável é que a maior parte da vida humana e a maioria das vidas humanas consuma-se na agonia quanto à escolha de objetivos, e na procura dos meios para os fins, que não exigem tanta reflexão. [...] A pergunta “o que posso fazer?” passou a dominar a ação, minimizando e excluindo a questão “como fazer da melhor maneira possível aquilo que tenho que não posso deixar de fazer?” (BAUMAN, 2001, p. 73).

Observando essa instabilidade atual, Bauman conceitua a contemporaneidade como *modernidade líquida*, constatando uma crise marcada pelas rápidas e constantes mudanças que ocorrem na sociedade. Talvez ainda seja cedo para fazer um juízo moral acerca da atualidade dizendo se ela seja boa ou ruim, mas é perceptivo que o homem e sua forma de se relacionar com os outros e com o mundo vem passando por mudanças constantes.

RELAÇÕES LIQUEFEITAS

Para Bauman, a sociedade atual pode ser definida como

uma versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidades pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos. Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar (2001, p. 15).

As mudanças são uma constante na contemporaneidade e suas consequências são inevitáveis para os indivíduos. Nesses tempos instáveis, o indivíduo ganha centralidade, pois tudo ao seu redor se liquefaz constantemente, na velocidade de um sinal eletrônico. A instantaneidade é marca registrada da *modernidade líquida*. A cada instante, um novo produto é lançado no mercado e os indivíduos são levados a se refazerem em função dos novos lançamentos, visto que consumir é condição vital nesse contexto líquido.

Na lógica do consumo, até as relações humanas se tornam produto a ser comercializado em vista da sobrevivência na liquidez. Com isso, “laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas a serem *consumidas*, e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos os objetos de consumo” (BAUMAN, 2001, p. 205). O outro passa a

1 [...] A incerteza não é algo que *reparamos*, mas algo que *criamos* e criamos de modo novo e em maior quantidade, e *criamos através dos esforços para repará-la* (BAUMAN, 1999, p. 150).

dimensionado pela utilidade que ele tem e não pelo o que ele é. Por isso, quando deixa de ser útil ou causa algum problema, a pessoa é descartada como um objeto que se tornou obsoleto. Exemplo disso são as redes sociais. Nelas, milhares de pessoas se relacionam virtualmente, mas, em um click, qualquer um pode ser excluído.

As relações virtuais são uma marca forte da *modernidade líquida*, pois o espaço virtual é extremamente fluido. Nas redes sociais, os conflitos são “facilmente” resolvidos, pois as pessoas ou os perfis podem ser constantemente adicionados ou excluídos, mudando apenas o número de amigos virtuais. Além disso, a multiplicidade de amigos ou seguidores elimina a obrigação de dar atenção a cada um deles. Nota-se um isolamento do indivíduo que, mesmo sendo seguido por milhares de pessoas, sente-se sozinho em meio à liquidez da existência. Há uma verdadeira política de precarização, conduzida pelo mercado de trabalho e apoiada pelas políticas de vida. Como resultado, observamos o enfraquecimento e decomposição dos laços humanos, das comunidades e das parcerias. “Compromissos do tipo ‘até que a morte nos separe’ se transformam em contratos do tipo ‘enquanto durar a satisfação’” (BAUMAN, 2001, p. 204-205).

IMEDIATISMO E CONSUMISMO

Para Bauman, a sociedade atual é marcada pelo um imediatismo. “No estágio líquido da modernidade, só são fornecidos arreios com zíper, e o argumento para sua venda é a facilidade que podem ser usados pela manhã e despidos a noite (ou vice-versa)” (BAUMAN, 2001, p. 211). Subjacente a esse imediatismo encontra-se a cultura do descartável, que é alimentada pelo consumismo desregrado. Os produtos já são lançados praticamente desatualizados, pois o próximo já está na linha de produção.

Nessa esteira do pensamento, também o ser humano torna-se objeto de consumo, e a existência humana fica caracterizada como um grande *shopping center*, com diversas vitrines, todas elas recheadas de possibilidades que podem ser compradas com a moeda chamada tempo e retiradas nas sacolas das escolhas humanas. Não se pode perder tempo refletindo sobre o que comprar, pois ele é precioso e pode acabar a qualquer momento. Por isso, também não se deve perder tempo constituindo laços humanos duradouros, pois provavelmente não restará tempo para desfrutar dessa relação.

Esforços para manter à distância o “outro”, o diferente, o estranho e o estrangeiro, e a decisão de evitar a necessidade de comunicação, negociação e compromisso mútuo, não são a única resposta concebível à incerteza existencial enraizada na nova fragilidade ou fluidez dos laços sociais. Essa decisão certamente se adapta à nossa preocupação contemporânea obsessiva com poluição e purificação, à nossa tendência de identificar o perigo para a segurança corporal com a invasão de “corpos estranhos” e de identificar a segurança não-ameaçada com a pureza (BAUMAN, 2001, p. 138).

TRANSCENDÊNCIA SOB OUTRA ÓTICA

O homem e a mulher da *modernidade líquida* vivem angustiados, pois convivem diariamente “com o risco da autorreprovação e do autodesprezo... com os olhos postos em seu próprio desempenho” (BAUMAN, 2001, p. 52). Aumenta, pois, o desejo de realização e o cansaço pelas frustrações cotidianas. Com isso, a relação com a transcendência torna-se um refúgio para se depositar as problemáticas cotidianas e a fé, com todo seu entorno, torna-se um objeto de consumo, que é oferecido em diversos modelos pelas mais variadas “igrejas” para os distintos gostos (NERY; VASCONCELLOS, 2014, p. 128).

Em 2005, o Papa Bento XVI tratou da comercialização da religião em sua homilia no encerramento da Jornada Mundial da Juventude em Madri:

[...] existe, ao mesmo tempo, também um sentimento de frustração, de insatisfação de tudo e de todos. É espontâneo exclamar: não é possível que esta seja a vida! Deveras, não. E assim, juntamente com o esquecimento de Deus existe um “boom” do religioso. Não quero desacreditar de tudo o que existe neste contexto. Pode existir nisto também a alegria sincera da descoberta. Mas, para dizer a verdade, não raramente a religião se torna quase um produto de consumo. Escolhe-se aquilo de que se gosta, e alguns sabem até tirar dela um proveito. Mas a religião procurada a seu “bel-prazer” no fim não nos ajuda. É cômoda, mas no momento da crise abandona-nos a nós próprios.

O individualismo e o imediatismo da *modernidade líquida* influenciam diretamente na vivência religiosa das pessoas. O indivíduo da *modernidade líquida* é muito atarefado e não pode “perder” tempo. “Antes de se ter tempo de pensar na eternidade, a hora de dormir está chegando e, depois, um outro dia transbordante de coisas a serem feitas ou desfeitas” (BAUMAN, 1998, p. 210). Com a falta de tempo para pensar na eternidade, a religião – e toda relação com a transcendência – perde sua funcionalidade social, visto que a escatologia é o princípio básico das religiões.

Não há tempo para cogitar a eternidade; o importante é o aqui e o agora ou, em outras palavras, o instantâneo. Segundo Bauman (1998, p. 211), “a esperança da vida eterna, o sonho e o horror do inferno não são a questão da partenogênese, embora seja disso que os filósofos da religião quase conseguiram nos convencer”. Existem muitos problemas no presente a serem resolvidos, por isso um discurso centrado na possibilidade da vida eterna não é mais encantador.

Tendo dado centralidade ao indivíduo, a vida comunitária fica relativizada, pois como falar de comunidade em tempos nos quais “a sociedade está fortemente marcada pela fragmentação social e fluidez das instituições: família, relacionamentos, religiões, partidos políticos, sindicatos associações diversas”? (LOPES, 2014, p. 47). Para Bauman, as instituições

“não são mais as forças determinantes e definidoras das identidades” (BAUMAN, 2000, p. 33). Na *modernidade líquida*, o indivíduo está lançado à liquidez das incertezas e não á solidez das estruturas institucionais.

PRIVATIZAÇÃO DA RELIGIÃO

A busca pela felicidade é latente na *modernidade líquida*. Todavia, essa busca é pautada pelo individualismo, pois cada indivíduo acredita ser possível chegar sozinho à felicidade. No campo religioso as pessoas tendem a buscar o sagrado sem especificamente aderirem a uma religiosa ou procuram denominações religiosas que satisfazem seus desejos e não se preocupam tanto com os códigos doutrinários, mas com o resultado imediato que sua escolha irá lhe trazer.

Faz muito mais sentido ao indivíduo pós-moderno construir a própria experiência religiosa que pode até agregar características de uma religião tradicional, mas sem se limitar a elas. O religioso passa a escolher no que crer e não aceitar tudo que a instituição lhe impõe, passando, assim, a vivenciar uma religião à *la carte*, personalizada ao gosto do cliente, e adotando apenas crenças e tradições que façam sentido no próprio sistema de valores e narrativa pessoal de vida. (NERY; VASCONCELLOS, 2014, p. 128)

A religião passa a ser construída segundo os interesses dos indivíduos. Diante de tantas ofertas religiosas, é possível brincar as partes e constituir uma religião para si, independente das instituições. Os livros sagrados, como a Bíblia, correm o risco de serem interpretados para suprir carências individuais; torna-se um livro de autoajuda. A religião fica colocada a serviço do bem-estar e da satisfação pessoal. Ela é privatizada e, por isso, moldada para responder as necessidades do indivíduo. Afinal, na *modernidade líquida*, o sofrimento é um produto estragado que precisa ser retirado das prateleiras da existência e a felicidade se faz no aqui e no agora; tudo que a ameaça deve ser eliminado. Para Bauman, na *modernidade líquida*, “os homens e as mulheres são naturalmente tentados a reduzir a complexidade de sua situação a fim de tornarem as causas do sofrimento inteligíveis e, assim, tratáveis” (2000, p. 52).

Para Melchior, os contemporâneos se entendem como centro da vida e todas as coisas devem estar a serviço de seus desejos. Até mesmo Deus, se quiser assegurar sua existência, deve se enquadrar nesse esquema. Caso contrário, também será expulso da existência humana (2009, p. 2). Esse é um dos motivos do expressivo crescimento de denominações religiosas intimistas, sobretudo nas correntes neopentecostais, em que se promete o alívio imediato de sofrimentos e angústias.

O processo de secularização na *modernidade líquida* não almeja o fim da religião, mas que o ser humano seja o seu centro. Quase sempre, não importam as normas morais e os compromissos éticos da religião, desde que esta ofereça a felicidade imediata. A felicidade

eterna ficou no imaginário dos medievais. O contemporâneo quer experimentar agora a felicidade, pois esperar não é algo possível quando se está imerso na liquidez e na compulsão dos tempos atuais.

CONSEQUÊNCIAS NA VIDA DOS UNIVERSITÁRIOS

No ambiente universitário, a escassez de tempo também se faz perceptível. A falta de tempo é uma marca da vida estudantil e os universitários estão sempre sobrecarregados de textos para ler, trabalhos para fazer, pesquisar para realizar, estudos a serem colocados em dia. Quando se considera que cerca de 70% dos universitários trabalham², isso fica ainda mais grave. Administrar o tempo do trabalho, do lazer e de outros interesses de forma a não prejudicar a vida acadêmica é tarefa árdua. Se se considera que o objetivo principal de um universitário é estudar para terminar o curso e conseguir um emprego que lhe dê estabilidade, prioridade deverá ser dada às tarefas acadêmicas. Diante de tanta coisa a fazer, arranjar tempo para a prática religiosa, frequentando um grupo, associação ou pastoral é perder tempo. A ação pastoral da PU deve estar atenta a essa realidade dos universitários, para não traçar planos utópicos que exigirão muita dedicação dos mesmos. Deve-se levar em consideração que

[...] Só restam ao estudante os fins de semana e os feriados para responder com mais calma e profundamente a essas exigências, principalmente às vésperas de provas e exames. E, com isso, é quase nada o tempo que sobra para a formação do grupo cristão, para o desenvolvimento de seu processo pedagógico, para a programação de sua ação apostólica (GUSSO, 1977, p. 17).

São muitas atividades a serem realizadas: trabalhos, seminários, provas, etc. O presente é tão exigente, que não sobra espaço para pensar a eternidade. Para o contemporâneo, marcado pelo presentismo, o inferno e o céu se projetam no agora e, para o universitário, essas realidades se dão nos resultados das atividades acadêmicas. Uma reprovação pode custar a liquefação de todo um projeto pré-estabelecido seja por ele ou por seus familiares.

Entende-se que o destino de cada indivíduo está em suas próprias mãos e somente ele é capaz de tornar realidade aquilo que foi projetado. Com isso, a preocupação em pedir ajuda ao transcendente para a realização das atividades se tornou desnecessária, visto que o ser humano se entende capaz de superar com esforços os seus problemas.

Para Bauman, o contemporâneo não tem mais interesse pela vida eterna:

A idéia de auto-suficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada não prometendo um caminho alternativo para a vida eterna, mas chamando a atenção humana para longe desse ponto;

2 Segundo pesquisa feita por IDP – Instituto Data Popular, em 2012.

concentrando-se, em vez disso, em tarefas que os seres humanos podem executar enquanto ainda são “seres que experimentam” – e isso significa aqui, nesta vida (BAUMAN, 1998, p. 213).

Em meio a esse contexto, a PU vê-se na obrigação de nadar contra a corrente, pregando o bem-comum e constituindo comunidades dentro das universidades. Todavia, emerge o problema de encontrar um ponto em comum para congregar essas comunidades, levando em consideração que o presentismo pós-moderno exige que se tenha resultados imediatos. Acrescenta-se a isso a escassez do tempo dos universitários. Por isso, é preciso “promover a interação, o diálogo e a unidade dos diversos grupos cristãos presentes na vida e no contexto que as Instituições de Ensino Superior estão inseridas” (CNBB, 2013, p. 13).

O método de demonizar o novo e o inexplicável aos olhos da religião funcionou bem na Idade Média, mas não se aplica na pós-modernidade. Ao invés de demonizar a realidade atual e se estagnar no saudosismo em que a maioria das pessoas eram católicas e que ser católico dava um status social, a PU deve olhar para atualidade como um campo de missão, não nos moldes proselitistas, mas numa perspectiva de diálogo e de encontro pessoal com Cristo. Cada período tem seus desafios, que podem ser superados por meio de uma pastoral intimamente ligada à realidade. Os bispos da América-Latina e Caribe ousaram reconhecer os limites da ação evangelizadora da Igreja na atualidade:

Na evangelização, na catequese e, em geral, na pastoral, persistem também linguagens pouco significativas para a cultura atual e em particular para os jovens. Muitas vezes as linguagens utilizadas parecem não levar em consideração a mutação dos códigos existencialmente relevantes nas sociedades influenciadas pela pós-modernidade e marcadas por amplo pluralismo social e cultural. As mudanças culturais dificultam a transmissão da Fé por parte da família e da sociedade. Frente a isso, não se vê uma presença importante da Igreja na geração de cultura, de modo especial no mundo universitário e nos meios de comunicação social. (DAp, 2007, p. 55)

Os princípios cristãos ainda continuam tendo sua validade, todavia a metodologia com que esses são apresentados talvez não corresponda à realidade pós-moderna. Provavelmente seja por isso que frequentemente se observa líderes religiosos lamentando o insucesso das missões. Visto que o método continua o mesmo em tempos que exigem outros. O caráter eterno do discurso religioso, por si, não atrai o homem da *modernidade líquida* que vê suas referências humanas e teóricas se dissolverem constantemente.

Como antes, o corpo continua mortal e portanto transitório, mas sua brevidade parece uma eternidade quando comparada à volatilidade e efemeridade de todos os quadros de referência, pontos de orientação, classificação que a modernidade líquida põe e tira das vitrines e prateleiras. A família, os colegas de trabalho, a classe e os vizinhos

são fluidos para que imaginemos sua permanência e os creditemos com a capacidade de quadros de referência confiáveis. (BAUMAN, 2001, p. 227-229).

O contemporâneo está fragmentado e sedento por realização. Acrescenta-se a isso o cansaço das meta-narrativas das instituições religiosas e da ciência que prometem a felicidade, mas não atingem os problemas cotidianos. Mais do que discursos eloquentes, o indivíduo quer um *post* de poucas linhas nas redes sociais que possa alimentar seu desejo por realização. Por isso, a objetividade pode ser um caminho a ser trilhado pela PU para fazer pastoral nessa liquidez pós-moderna. Deixar de lado os esquemas prontos e dar oportunidade à novidade do espírito, parece ser arriscado, mas é preferível arriscar que ficar estagnado nos esquemas saturados pelo tempo.

A *modernidade sólida* colocou o protagonismo nos esquemas, deixando o indivíduo como coadjuvante. Na *modernidade líquida*, o indivíduo quer ser protagonista de sua história. Por isso, é preciso se emancipar de tudo que cerceia, inclusive dos esquemas rígidos de espaço e tempo, cuja compreensão mudou com a chegada do mundo virtual. Este possibilita o acesso a um mundo de informações com um simples clique sem sair do lugar.

[...] a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. É pouco provável que essas formas, quer já presentes ou apenas vislumbradas, tenham tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir como arcabouços de referência para as ações humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um “projeto de vida” individual (BAUMAN, 2007, p. 7).

A *modernidade líquida* exige da Igreja uma atitude de abertura. Desde o Concílio Ecumênico Vaticano II, essa abertura tem sido propalada. Atualmente, o Papa Francisco convoca a Igreja para uma atitude de saída, isto é, chama a comunidade eclesial a abrir as portas, rever as estruturas e, especialmente, dialogar com o mundo.

Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. [...] Um país cresce, quando dialogam de modo construtivo as suas diversas riquezas culturais: cultura popular, cultura universitária, cultura juvenil, cultura artística e tecnológi-

ca, cultura econômica e cultura familiar e cultura da mídia (FRANCISCO, 2013, p. 42).

UM OLHAR DE ESPERANÇA

O Documento de Aparecida nos ensina que

A pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos socioculturais bem concretos. Essas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus. Dai nasce, na fidelidade ao Espírito Santo que a conduz, a necessidade de uma renovação eclesial que implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais (§ 367).

O Papa afirma que é preferível “uma Igreja acidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (Evangelií Gaudium, 49). Com isso, no âmbito universitário, a PU deve se abrir ao diálogo com todos, buscando estabelecer laços que fortifiquem a vida comunitária na academia, mesmo que para isso sejam necessários os embates de ideias.

Portanto, em meio a esse *ethos* líquido, em que a única certeza que temos é de que tudo é incerto, a PU vê-se obrigada a rever suas práticas pastorais. Nossa sociedade é regida pela conectividade, mas que não gera conexão entre as pessoas, sendo que as interações são realizadas mais com as telas. Agrega-se a isso o imediatismo que não almeja a eternidade, mas a vivência extrema de cada momento desta vida. Por isso, é pertinente olhar para a realidade e constatar os limites e as possibilidades da PU, para pensar o agir pastoral nesses tempos líquidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **O Mal Estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENTO XVI, Papa. **Homilia de sua Santidade Bento XVI** - Colónia, Esplanada de Marienfeld - Domingo, 21 de agosto de 2005. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050821_20th-world-youth-day.html>. Acesso em: 29 de julho 2017.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 1ª edição, 2008. 15ª reimpressão, 2014. Brasília: Edições CNBB, São Paulo: Paulus/Paulinas; 2014.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** – A Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 1ªed. Brasília: Edições CNBB, 2013.

IDP – Instituto Data Popular – **Universitários são da nova classe média**. Disponível em:<http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/10/09/7-em-cada-10-universitarios-sao-da-nova-classe-media-diz-pesquisa.jhtm>. Acesso abril de 2015.

LIBANIO, João Batista. **Jovens em tempo de pós-modernidade**: considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. **A religião pós-moderna em Zygmunt Bauman**. In: XI Simpósio nacional da associação brasileira de história das religiões. 2009. Goiânia. Anais...Disponívelem:<http://www.abhr.org.br/wpcontent/uploads/2013/01/art_MELCHIOR_pos_moderna_bauman.pdf>. Acesso em: 18 set. 2016.

NERY, Alberto Domeniconi; VASCONCELLOS, Esdras Guerreiro. **Individualização e Fragmentação**: efeitos da Pós-Modernidade no Cristianismo contemporâneo. Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 118-132, dez. 2014.